

Bom e santo ano!

Nossa humanidade continua a sofrer
de mil tormentos.

O enorme grupo de refugiados
e feridos pela vida
prossegue penosamente sua marcha
na noite de perturbação e de dor.
Cada um tem a sua quota de tristeza, de cólera
e de angústia.

Aqui ou em outro lugar, se manifestam no entanto,
a coragem discreta daqueles que não se conformam,
o ardor generoso dos que lutam
em favor da justiça e da paz.
O engajamento silencioso dos que escolhem
servir e partilhar.

Para expressar os votos de feliz ano novo
Retomemos esta passagem da Bíblia

*“Que o Senhor te abençoe e te guarde!
Que o Senhor faça brilhar sobre ti a sua face
e ti conceda a sua graça!
Que o Senhor volte para ti a tua face
e te dê a paz!*

(Nn 6, 23-26)

Sumário

Vida Espiritual

386 - Carta do Advento de 2010

Padre Gregory Gay, Superior geral

391 - Reler os acontecimentos na fé, para neles reconhecer a presença de Deus.

Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

Desafios atuais

Questões atuais

411 Pontifícias Obras Missionárias

Padre Pierre-Yves Pecqueux, Filho de São João Eudes

Hoje, com os Fundadores

418 Província de Granada

Um Centro social rural nos arredores de Temara (Marrocos)

As Irmãs de Temara

422 Província da Irlanda

O Centro São Vicente, Navan Road, à Cabra (Dublin)

Irmã Marian Harte e Irmã Áine MacNamara, Filhas da Caridade

História da Companhia

Ano jubilar do 350º aniversário da morte dos Fundadores

427 Olhar de fé sobre o itinerário espiritual de Luísa de Marillac

Irmã Claire Herrmann, Filha da Caridade

Índice das matérias

441 Índice das matérias 2010

CARTA DO ADVENTO 2010

A todos os membros da Família Vicentina

Queridos Irmãos e Irmãs,

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo estejam em seus corações agora e sempre!

“Graças à ternura e misericórdia de nosso Deus, que nos vai trazer do alto a visita do Sol nascente, que há de iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte e dirigir os nossos passos no caminho da paz” (Lc 1, 78-79).

Trevas e luz, noite e dia, desespero e esperança, morte e vida, inferno e paraíso são imagens, que sempre vêm à mente, em nossa meditação e nossa oração durante o tempo do Advento, o qual temos, mais uma vez, o privilégio de viver. Estas imagens contrastantes estão sempre presentes e não cessam de nos cercar no mundo em que vivemos. Um dia, o profeta Habacuc exclamou: *“Por que me mostrais o espetáculo da iniquidade, e contemplais vós mesmo essa desgraça? Só vejo diante de mim opressão e violência, nada mais que discórdias e contendas”* (Hab 1, 3). Quando eu ouvi a proclamação deste texto há algumas semanas na Eucaristia dominical, fiquei impressionado por sua atualidade: hoje ainda, estamos cercados pela mesma violência e as mesmas destruições, quer sejam de origem natural ou humana.

Há tantas vidas humanas destruídas por catástrofes naturais. Penso na epidemia da cólera no Haiti; centenas de pessoas que tinham sobrevivido ao terremoto morreram. Elas continuam sofrendo, não cessam de cruzar um verdadeiro inferno. No Paquistão, centenas de pessoas desapareceram nos ciclones que atingiram recentemente as regiões asiáticas; quantas pessoas perderam a vida, a saúde, sua casa? Entre as catástrofes de origem humana, pensemos na violência vivida na fronteira entre o México e os Estados Unidos onde depois de 2006, mais de 30.000 pessoas foram assassinadas em conflitos ligados à droga. Tanta violência diante de nossos olhos. O Advento é um tempo para transformar o que é trevas em luz, este inferno vivido em paraíso, o desespero em esperança e que uma vida digna pode ser um objetivo realizável.

Intitulei minha meditação deste ano: *“Natal: o relato de uma vida sem fronteiras”*. Quando nós percorremos as diferentes passagens da Escritura que a Igreja oferece para a nossa meditação durante este tempo do Advento, encontramos o tema de um Deus que é para todos, um Deus de todas as nações. De certo modo, é irônico porque Jesus, quando nasceu neste mundo, nasceu num recanto, num lugar onde ninguém gostaria de viver, num abrigo para os animais. E, portanto, o contraste vem do fato de que, embora Ele tenha sido colocado neste lugar de sobrevivência, Ele tornou-se para nós, o Deus da vida para todos, o Deus que não conhece fronteiras, um Deus que veio entre nós para derrubar as fronteiras que impedem os homens aproximarem-se uns dos outros, que venham de outro país, como a fronteira entre os Samaritanos e os Judeus, ou porque as pessoas ricas e cultas não se misturam com as que são consideradas como as excluídas da sociedade; Jesus veio derrubar esta fronteira de todos estes intitulados de indesejáveis: leprosos, mendigos, cegos, enfermos.

Por seu nascimento na pobreza, Jesus, em palavras e em atos, enche a vida das pessoas de riqueza, paz, bondade, saúde, reconciliação e cura, e as conduz das trevas à luz, do desespero à esperança, da morte à uma vida nova. Em agosto passado, tive a oportunidade de visitar o Projeto Juan Diego, um apostolado das Filhas da Caridade situado na fronteira entre os Estados Unidos e o México. Esta visita me falou do dom de uma vida nova, da felicidade de um verdadeiro nascimento que recebemos no Natal. As Filhas da Caridade formaram um grupo de pessoal leigo e de voluntários que compõem uma comunidade dinâmica. Eles visitam as pessoas que viveram nas trevas, que experimentaram as angústias da desesperança e lhes oferecem luz e a

esperança em uma vida nova. Eu, pessoalmente, vivi isto quando visitei algumas pessoas que tiveram suas vidas transformadas pelo Projeto Juan Diego. São pessoas acompanhadas pelos voluntários, funcionários e Irmãs que entraram em suas vidas e que lhes deram a oportunidade de viver uma vida nova.

Percebi isto através do testemunho de um homem da minha idade, que estava literalmente, desligado do mundo, vivendo confinado em seu pequeno quarto, recusando mesmo sair em seu pátio, para entrar em contato com as outras pessoas, que poderiam passar perto dele. Após um acompanhamento e uma presença cheia de doçura, mas também, de firmeza, este homem acabou descobrindo quem ele era realmente. Depois de ter tido a felicidade de viver pela primeira vez de sua vida, doravante, ele vive com entusiasmo e o desejo de sair dos confins de sua casa, para encontrar-se com os outros e encorajá-los a levar a vida de uma nova maneira, que ele mesmo descobriu. O testemunho deste homem é somente um exemplo, dos numerosos relatos de pessoas que receberam uma vida nova, a partir do momento em que foram capazes de superar os limites, que elas se impuseram. Elas acabaram reconhecendo o dom da vida que é Deus para cada um de nós e para todos os homens. Este dom foi depositado em nós e faz parte integrante do significado do Natal: o dom do próprio Deus, Jesus encarnado que entra em nossa vida, ajudando-nos a descobrir nossos próprios dons, encorajando-nos e levando-nos a nos superar para oferecer este dom, a fim de ajudar outros a descobri-lo neles mesmos.

Próximo deste bairro onde as Filhas da Caridade são um sinal de vida nova e partilham esta vida com outros, há um outro grupo de Filhas da Caridade que é fonte de vida, mas de uma maneira muito diferente. Poderia-se dizer que elas vivem o inferno. Esta comunidade de Filhas da Caridade mora justamente do outro lado da fronteira em uma cidade que é devastada pela violência e a destruição por causa da droga, a pobreza, a ganância e a ignorância. As Irmãs passaram a fronteira para se unirem às Filhas da Caridade do Projeto Juan Diego, logo após celebrarmos juntos a Eucaristia, que é o ápice de nossa vida, a fonte de nossa força e a verdadeira experiência do dom que Deus faz de Si mesmo entre nós.

Falando com as Irmãs que vivem do lado da fronteira mexicana, escutando os seus relatos de horror e sofrimentos quotidianos, em meio aos quais elas vivem, fiquei impressionado pelo contraste da presença das Irmãs que vivem de um lado da fronteira comparado ao das Irmãs que vivem do outro. E, contudo, mesmo se pudéssemos considerar uma como o paraíso e outra como o inferno, a presença delas, sinal da graça de Deus entre estes pobres, torna possível uma esperança e uma vida nova.

Através destas duas experiências percebo, claramente, o que Deus nos diz no cântico de Zacarias: *“Graças à ternura e misericórdia de nosso Deus, que nos vai trazer do alto a visita do Sol nascente, que há de iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte e dirigir os nossos passos no caminho da paz”* (Luc 1, 78-79). Esta ternura, este amor do coração de nosso Deus é o dom do próprio Jesus, do alto o sol nascente nos veio visitar, este dom de Jesus através de seu nascimento em Belém, que por sua vida, sua morte e ressurreição continua brilhando sobre aqueles que permanecem nas trevas, no desespero, na morte e no inferno. E por Seus instrumentos de amor, eles são conduzidos pelo caminho da paz.

Meus Irmãos e Irmãs, como membros da Família Vicentina, neste tempo do Advento, somos chamados a estar próximos daqueles a quem chamamos nossos Senhores e Mestres, quando estes vivem em situações de trevas e angústia, e ser para eles, instrumentos de esperança e vida. Juntos, como Família Vicentina, e com nossos Senhores e Mestres, somos chamados a ser construtores, construtores da solidariedade que tem como alicerce o amor, e não construtores de muros, que separam a humanidade. Somos chamados a viver a vida de Jesus, esta vida que veio a nós no dia em que Ele nasceu. Ele nos convida a ir além dos muros, além dos limites, das fronteiras, aquelas que tão frequentemente nós mesmos construímos, ou as que foram construídas pela sociedade na qual vivemos. Muitas vezes, trata-se de tradições que nós aprendemos ou de preconceitos que, simplesmente, adotamos.

Gostaria de partilhar com vocês, uma oração que eu encontrei numa celebração preparada pela Comissão da União dos Superiores Maiores para a Justiça, a Paz e a Integridade da Criação, a fim de celebrar

o dia internacional da recusa da miséria e a eliminação da pobreza. Esta oração, intitulada *As bem-aventuranças para a Ação Social*, foi adaptada à nossa realidade como Família Vicentina.

Bem-aventurados sois vós, quando permaneceis disponíveis, partilhando com simplicidade o que possuis.

Bem-aventurados sois vós, quando chorais pela falta de felicidade ao vosso redor e no mundo.

Bem-aventurados sois vós, quando optais pela doçura e pelo diálogo, ainda que isso pareça longo e difícil.

Bem-aventurados sois vós, quando criativamente inventais ideias novas, formas de doar vosso tempo, partilhar vossa ternura e semear a esperança.

Bem-aventurados sois vós, quando sabeis escutar com o coração para descobrir o presente que são os outros.

Bem-aventurados sois vós, quando experimentais dar o primeiro passo necessário para construídes a paz com os irmãos e irmãs através do mundo.

Bem-aventurados sois vós, quando conservais o coração aberto ao encantamento, à acolhida e ao questionamento da vida.

Bem-aventurados sois vós, quando tomais a sério a fé no Cristo encarnado.

Ao longo deste tempo do Advento, peço-lhes meditar esta oração, individualmente e com as pessoas, com as quais partilham a vida. Em nossa vida, temos numerosas experiências de uma vida sem fronteiras. São experiências do relato de Natal, experiências da presença de Jesus entre nós. Que o nosso próprio testemunho no mundo seja um sinal que ajude as pessoas a saírem da noite e a virem ao dia, a se distanciarem de suas trevas para entrarem numa luz nova, a erguê-los do desespero e a plenificá-los de esperança, a fazê-los passar da morte para uma vida nova, a tirá-los do inferno, para conduzi-los ao paraíso. Podemos fazer isto acontecer se nós vivermos verdadeiramente o dom de Cristo encarnado, o dom de Sua vida, o de Seu amor e o dom de Sua paz. Podemos agir assim, não só com as pessoas que nos são próximas, mas também, com aquelas que estão distantes e não podemos reunirmo-nos a elas.

Seu irmão em São Vicente,

G. Gregory Gay, C.M.
Superior geral

VIDA ESPIRITUAL

Reler os acontecimentos na fé para neles, reconhecer a presença de Deus.

INTRODUÇÃO

Na carta do Advento 2010, nosso Superior geral, o Padre Gregory convida-nos à reconhecer e à deixar-nos sensibilizar pela presença atuante de Deus no coração e na vida dos pobres. Ele testemunha: *“...Estas (pessoas que receberam uma nova vida) acabaram reconhecendo o dom da vida que é Deus para cada um de nós e para todos os homens. Este dom foi depositado em nós e faz parte integrante do significado do Natal: o dom do próprio Deus, Jesus encarnado que entra em nossa vida, ajudando-nos a*

descobrir nossos próprios dons, encorajando-nos e levando-nos a nos superar para oferecer este dom, a fim de ajudar outros a descobri-lo neles mesmos”.

Somos, pois convidadas à dedicar um tempo para reler o cotidiano de nossa vida e a dos pobres, para descobrir as experiências da presença de Jesus entre nós.

Para isso, fixemo-nos um primeiro momento sobre a maneira de fazer de Jesus com os dois discípulos de Emaús. À luz deste evangelho, contemplamos a maneira como Deus age no coração e na vida de Luísa de Marillac e de Catarina Labouré, a fim de nos deixar conduzir, e contemplar a ação de Deus em nossa vida como na vida dos pobres.

OS DOIS PEREGRINOS DE EMAÚS FIZERAM O CAMINHO...

Em seu Evangelho, São Lucas relata numerosas citações de encontros de Jesus com as pessoas doentes, os pecadores, etc., onde cada um é tocado pela capacidade que Ele tem de fazer brotar neles a vida. Ele nos narra também, o maravilhoso encontro de Jesus com os dois discípulos de Emaús, ao longo do qual se desvenda, pouco a pouco, o mistério da ressurreição (Lc. 24, 13-35). Neste episódio, São Lucas descreve a experiência desses dois discípulos abalados pela morte violenta de seu amigo, que pelos seus ensinamentos e seu amor, trouxe luz às suas vidas: Ele fazia o bem por onde passava. Seus pensamentos e suas palavras estão habitados pelos dias dramáticos que acabaram de viver. Seu coração não está somente preso aos múltiplos questionamentos, mas também, pleno de confusão e inquietação.

Discretamente, Jesus junta-se a eles na estrada e lhes acompanha. Em sua presença e com sua ajuda, os discípulos vão percorrer um longo caminho: aquele que consiste em passar da desesperança à fé. Depois de lhes dar a possibilidade de exprimir sua percepção obscura e perturbada dos acontecimentos, Jesus vai solicitar sua memória e sua reflexão no mais profundo do seu ser. Em seguida, com base nas Escrituras, vai introduzir sua compreensão dos fatos e lhes dar uma visão totalmente nova à luz da sua ressurreição. Para Ele, os caminhos da Paixão e da morte fizeram ressoar a fidelidade do Deus da Vida e do Amor. Esta sua experiência, e somente ele pode nos falar; somente ele pode dar um sentido novo às Escrituras.

Pouco a pouco, percorrendo o caminho, a confiança na Palavra de Jesus encontra lugar no coração dos discípulos e vem esclarecer sua reflexão. Seu coração começa a se tranquilizar e mesmo a se inflamar. Neste momento, Jesus parece querer continuar seu caminho, enquanto os dois peregrinos desejam prolongar o tempo de sua presença entre eles: “fica conosco”. Este convite para partilhar sua refeição exprime que os dois discípulos já saíram de sua tristeza.

Será preciso o gesto do partir do pão à mesa do acampamento para que os dois discípulos cheguem à plenitude do que permite o olhar de fé: “Então, eles o reconheceram!”. Seus corações ficaram abrasados e o olhar que tinham sobre os acontecimentos foi transformado. Tudo ganha um novo sentido. O Senhor desapareceu, mas eles sabem que Ele está vivo. Eles têm pressa: comunicar aos outros a vida do Ressuscitado e a Boa Nova da Salvação.

Esta releitura dos acontecimentos à luz do Ressuscitado permitiu aos dois discípulos de Emaús o reconhecimento do Senhor, e Nele ancorar sua fé. E isto é o mesmo para nós, no hoje de nossa vida, bem como o foi para Luísa de Marillac e Catarina Labouré.

LUÍSA DE MARILLAC E CATARINA LABOURÉ FIZERAM O CAMINHO...

Em seguimento aos discípulos de Emaús e de outros personagens da Bíblia, é incontestável que, na história da Companhia, Deus uniu de uma maneira muito particular Santa Luísa de Marillac e Santa Catarina Labouré. Ambas foram privilegiadas pelo Céu, recebendo graças excepcionais para testemunhar o Amor de

Deus pela Companhia, pela Igreja e pelo mundo. Deus realizou maravilhas nelas e através delas. Por que Luísa? Por que Catarina ? Isto é mistério de Deus.

É interessante olhar a maneira como Deus uniu e conduziu estas duas mulheres para realizar a missão que Ele lhes confiou num intervalo de dois séculos. Relendo paralelamente a Luz de Pentecostes de Santa Luísa e o sonho de Santa Catarina em Fain, podemos também descobrir que existe “algo vindo do céu” que une estas duas mulheres, aparentemente tão diferentes.

Introdução

Na Capela da rua do Bac, o relicário de Santa Luísa e o de Santa Catarina encontram-se lado a lado do Santíssimo Sacramento e da representação de Maria Imaculada. E São Vicente, do outro lado, parece velar sobre os dois relicários, como ele o fez, respectivamente, durante sua vida. Sabemos o lugar que São Vicente teve, tanto na vida de Santa Luísa como na de Santa Catarina.

FECUNDIDADE ESPIRITUAL DE LUÍSA DE MARILLAC E DE CATARINA LABOURÉ.

Dotada de dons excepcionais de organizadora e animadora espiritual, Luísa de Marillac tem, também, uma certa fragilidade, um temperamento muito ansioso, limites para sua resistência nervosa. Sua fé em Deus e seu desejo de fazer sua vontade tornaram-na “forte”. Com a graça de Deus, Luísa consegue progressivamente ver as pessoas como Deus as vê. Todos os pobres tornaram-se seus irmãos; neles, ela vê o Cristo sofredor. Tornando-se a *colaboradora ideal de Vicente de Paulo*, coloca-se ao serviço das Caridades. Depois, *ela saberá reunir e convidar centenas de jovens das aldeias para se doar a Deus no serviço dos pobres*. Com estas jovens, ela liderou uma série de atividades com uma prodigiosa fecundidade, sem nenhum ativismo desordenado, nem busca de sucesso pessoal, mas simplesmente com o desejo de realizar a vontade de Deus. Ficamos admirados de ver a enorme quantidade de trabalho e de responsabilidade que, pouco a pouco, se acumulou sobre os frágeis ombros de Luísa.

No dia da Beatificação, em 09 de maio de 1920, o Papa Pio XI disse: “*Podemos afirmar: é um milagre o número e a variedade de obras, as quais, Deus mesmo, preparou através das mãos da Bem-Aventurada Luísa de Marillac*”. “*Não podemos compreender humanamente, como esta Serva de Deus pode desenvolver tantas obras de caridade; criar e, ainda mais, ir em busca de tantas outras obras de caridade*” dizia seu primeiro biógrafo, testemunha ocular de seus últimos anos.

Pode-se dizer que, de alguma maneira, o coração de Cristo tomou, pouco a pouco, o lugar do coração de Luísa. “*A caridade de Cristo crucificado nos impele*”. Luísa morreu na segunda-feira da Paixão de 1660...como se, fazendo coincidir sua morte com o início do tempo, onde a Igreja fixa, ainda mais, o seu olhar sobre a Cruz redentora, Deus quisesse ratificar o seu lema.

Dotada de um sentido inato, de uma grande resistência física, de boa saúde psicológica e uma forte vontade, Catarina Labouré, não passa, no entanto, *de uma simples jovem do campo, sem grande instrução; ela não fundou uma congregação*. Porém, ela inspirou (ou a Santíssima Virgem, através dela, o que dá no mesmo) toda a grande *corrente marial* dos dois últimos séculos, cuja consequência foi, em grande parte, o renascimento católico. Antes de 1830, o conhecimento dos mistérios de Maria eram quase totalmente negligenciados, o que evidentemente, ofuscava o Mistério da Encarnação. Ela permitiu, igualmente, a *renovação das duas famílias de São Vicente*. De fato, após os levantes revolucionários e as numerosas perseguições, a Companhia esteve enfraquecida e faltava o impulso espiritual. Parece que Deus havia preparado em Catarina Labouré um “novo tipo de Margarida Naseau” a fim de reanimar o fervor, o espírito e o grande impulso missionário de origem, no seio da Comunidade.

Sob o generalato do Padre Etienne (1843-1876), Catarina desempenha um papel indireto, mas importante, no renascimento das duas Congregações. O próprio Padre Etienne faz alusão sobre esta *influência marial* em diversos documentos. Em 1843, ele decide uma nova consagração da Congregação da Missão à Imaculada : “*Virgem Imaculada, torrentes de misericórdia e de bênçãos são derramadas sobre*

nós; sabemos que é à sua ternura e ao seu amor que estamos em dívida. Nossa pequena Congregação havia perecido e tu a fizeste reviver...”

Ao escolher Catarina, esta jovem desconhecida, de acordo com o mundo, de uma aldeia sem glória, o Senhor prova uma vez mais, tratar-se de sua própria obra e não dos homens. A palavra de São Paulo aplica-se maravilhosamente à Fain-les-Moutiers : *“O que é estulto no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes;”* (1 Cor 1, 27). Maria poderia ter escolhido um Bispo, ou alguém importante, mas ela escolheu uma jovem camponesa, sem instrução.

A vida de Catarina ajuda-nos à melhor distinguir a santidade do gênio. Naturalmente, os dois andam junto, como no-lo prova Santa Luísa. É verdade, mas, isso não acontece necessariamente junto. Todos os gênios não são santos. E todos os santos não são gênios e nem por isso são menos santos. Ora, a literatura cristã e a pregação dos padres, isto é, dos intelectuais, nos acostumaram a rotular “grandes santos”, somente aqueles, como: Santo Agostinho, São João da Cruz, São Francisco de Sales, São Vicente de Paulo, as duas santas Tereza, que souberam expressar-se com força e escrever com arte, ou então aqueles que haviam fundado grandes Ordens. Sendo assim, está claro que Catarina não seria uma “grande santa”: *“Eu não sabia nada, nem mesmo escrever, é por isso que a Santíssima Virgem me escolheu...”*

A pura santidade é, realmente, uma espécie de gênio, mas, puramente “interior” e sobrenatural que não aparece em nada, senão, numa espécie de transparência à luz divina. Em alto grau, é o caso de Maria. Catarina Labouré não fez nada de extraordinário, ela fez o que fazem milhares de outras Filhas da Caridade: um serviço muito humilde junto aos pobres. Catarina fez simplesmente, da mesma maneira, o que outra jovem, vivendo também, muito simplesmente numa aldeia de Nazaré.

Catarina Labouré aparece como a primeira testemunha de um novo tipo de santidade, sem glória, nem triunfos humanos, que o Espírito Santo começava a suscitar para os tempos modernos. Viveu sobretudo o carisma do cotidiano. O importante para ela, foi o serviço dos pobres. No dia seguinte de sua beatificação, 22 de maio de 1933, o Papa Pio XI disse: *“Nós não conhecemos exemplo mais notável de vida escondida”*.

DUAS MULHERES ESCOLHIDAS POR DEUS PARA UMA MISSÃO DE DOAÇÃO

Para Luísa de Marillac e Catarina Labouré, Deus interveio pessoalmente na vida de cada uma para lhe confiar uma missão particular. Para uma, foi através da “Luz de Pentecostes” na Igreja de Saint-Nicolas-des-Champs, para a outra, foi o sonho com São Vicente na Igreja de Fain. Nenhuma das duas escreveram suas vidas, mas é o seu respectivo diretor espiritual (Vicente de Paulo e o Padre Aladel) que nos fez conhecer suas experiências espirituais. Ao longo destas divinas intervenções, São Vicente estava presente. Seu lugar é de grande importância, tanto na missão confiada à Luísa como na que foi confiada à Catarina. E no entanto, ambas tiveram um sentimento de recuo diante desta escolha de Deus.

Para Luísa, Vicente de Paulo é apresentado como o guia espiritual que desempenhará um papel determinante na missão confiada, concernente a fundação da Companhia. Apesar da escolha de Deus, Luísa sente uma certa repugnância em aceitar o Padre Vicente.

Para Catarina, São Vicente vem esclarecer sobre a escolha de sua vocação e a prepará-la para receber uma missão que Deus quer lhe confiar. *“Deus tem desígnios sobre vós, não esqueçais”*. Catarina tem, também, num certo momento, o desejo de afastar-se, e mesmo de fugir deste idoso sacerdote !

Não podemos banalizar ou minimizar essas intervenções divinas. Para delas nos aproximarmos, é preciso muita humildade e respeito, sabendo que o seu profundo significado, está além de nós. Estamos no limiar do mistério de Deus revelado em duas almas. Estas duas anunciações: a “Luz de Pentecostes e a “visão de São Vicente na Igreja de Fain” são eventos fundamentais para a Companhia e para a Igreja.

I - DUAS ANUNCIÇÕES

4 DE JUNHO DE 1623, “O ANUNCIO” FEITO À LUÍSA DE MARILLAC: A LUZ DE PENTECOSTES EM SAINT-NICOLAS-DES-CHAMPS.

CONTEXTO

O ano de 1623 é, para Luísa, um ano extremamente doloroso. A saúde de seu marido declina progressivamente, suas angústias tornam-se mais intensas. Luísa sofre ao ver o sofrimento de seu marido e suas forças se esgotam. À esta provação humana, vem unir-se uma penosa crise interior: três “incertezas” que lhe dilaceram o espírito:

- o remorso concernente ao não cumprimento de seu voto de entrar em uma congregação e por conseguinte, a hesitação de saber se ela deve permanecer com seu marido.
- uma dúvida que afeta sua fé na imortalidade da alma, e mesmo na existência de Deus.
- a mudança de diretor espiritual que ela deverá aceitar.

No dia de Pentecostes de 1623. Luísa entra na Igreja Saint-Nicolas-des-Champs, com o espírito terrivelmente atormentado.

Como os discípulos de Emaús, os pensamentos de Luísa estão mergulhados em uma profunda confusão, ela está habitada por um abismo de questionamentos. Seu coração está agitado por uma turbulência interior e os seus pensamentos estão confusos.

O ACONTECIMENTO

Aos 32 anos, Luísa faz uma experiência espiritual de iluminação súbita e forte, como a dos apóstolos reunidos no Cenáculo. Uma luz repentina invadiu seu coração e seu espírito. Suas três “incertezas” tornaram-se três “certezas”. Deus a fez vislumbrar o que Ele esperava dela.

A VERDADEIRA LUZ PROFÉTICA

“De repente, fui esclarecida de minhas dúvidas”. Fortificada “pela certeza que senti em meu espírito de que era Deus quem me ensinava”...

A iniciativa vem de Deus: “era Deus que me ensinava”, disse Luísa. Assim, as trevas não impediram a Luz de Deus brilhar. O Espírito de Deus faz dissipar as dúvidas de Luísa. Seu coração, lento para crer, se inflama. Deus conduz Luísa a se desprender daquilo que, até então, lhe parecia importante: seu medo de ter sido infiel ao seu voto de ser religiosa. Luísa pensava conhecer Deus, mas ela compreende que estava enganada sobre Ele. Descobrimo-se unida por Deus, ela é conduzida a olhar as coisas sob um novo ângulo. Nos passos dos peregrinos de Emaús, Luísa percorre rapidamente o caminho que consiste em passar do absurdo que ela percebia, ao sentido que Deus quer lhe revelar para assegurá-la na fé.

“Minha terceira pena me foi tirada pela certeza que senti em meu espírito de que era Deus quem me ensinava isto que eu acabava de compreender”.

Uma missão a cumprir

A segunda coisa que a transtornava era a missão que Deus lhe queria confiar. Ela descobriu que seu voto mais desejado se realizaria um dia. Longe de ser rigoroso com ela, Deus não desprezara seu desejo de consagração total; Ele lhe confia, revelando, ainda que de maneira obscura, seu projeto em relação a Companhia.

“Que um dia, ela estaria numa pequena comunidade para servir os pobres e que poderia consagrar-se a Deus pelos votos de religião”. “Ouvi, então, ser num lugar para socorrer o próximo, mas não podia compreender como se realizaria isto, porque aí haveria idas e vindas (no exterior)”.

Luísa sabe que Deus conta com ela, isto lhe basta, mesmo se desconhece “como isto vai acontecer”. É o anúncio de uma promessa que orienta para o futuro. Deus suscita nela a esperança e Luísa se apresenta como “a serva do Senhor”.

Um acompanhador para ajudá-la na sua missão

“Fui ainda assegurada de que deveria permanecer tranquila quanto ao meu diretor, e que Deus me daria um que Ele, me fez ver, parece-me...”

Deus toma, ainda, a iniciativa de lhe conceder “um sinal” para cumprir sua missão; Ele lhe indica seu futuro guia espiritual. É ele que a ajudará e a sustentará nesta caminhada inédita. Ele o revelou: Luísa reconhece Vicente de Paulo.

“... e senti repugnância em aceitá-lo...”

Esta escolha do diretor espiritual surpreendeu Luísa. Vicente de Paulo não lhe era, naturalmente falando, simpático e, ela não hesitou em confessar a repugnância que experimentava. Que havia ele em comum com Francisco de Sales ou Dom Camus, estes dois Bispos escritores e pregadores de renome? *“No entanto, aceitei”...*, diz Luísa. *“... mas, consenti, afigurando-se-me que ainda não era hora de fazer esta mudança”*. Neste último desejo de Luísa, sente-se como uma espécie de alívio de sua parte: *“Se realmente, deve ser este, Senhor, concordo, mas, seria melhor que não fosse imediatamente!”*.

Desse modo, a Providencia conduz Luísa e Vicente, de aparências tão contrárias, a se encontrarem. De agora em diante, a vida de Luísa vai fundir-se com a do Padre Vicente numa vida de colaboração, de uma excepcional fecundidade. Vicente exercerá um papel determinante na fundação da Companhia, mesmo se a iniciativa tenha vindo de Luísa.

Pode-se supor que, mais tarde, Luísa, sempre habitada pela Luz de Pentecostes, discerniu que seu guia espiritual, escolhido por Deus, estava estreitamente ligado à missão *“da pequena comunidade para servir os pobres”*. Não seria também essa, uma das razões, pelas quais, Luísa estava tão intimamente convencida de que um dos meios de salvaguardar a Congregação nascente, consistia colocá-la, para sempre, sob a autoridade do Superior Geral dos Padres da Missão?

O papel que exerceu São Francisco de Sales em Luísa e Vicente de Paulo

Concernente a esta Luz de Pentecostes, Luísa confessará mais tarde que ela *“sempre acreditou tê-la recebido através do Bem-aventurado Bispo de Genebra, por ter, antes de sua morte, um desejo imenso de lhe comunicar suas penas e, depois disso ter sentido uma grande devoção”*.

Sabemos a grande influência de Francisco de Sales na vida de Luísa. Era um renovador espiritual, um diretor espiritual procurado e um autor místico muito apreciado. Morto em dezembro de 1622, Francisco de Sales não estava mais lá para guiá-la e apoiá-la durante este mês de abril de 1623, feito de tormentos e de dúvidas. Luísa rezou desesperadamente implorando sua intercessão. Aproximadamente um mês mais tarde, Luísa recebia a “Luz de Pentecostes”.

Desse modo, Francisco de Sales foi o mensageiro de Deus para confiar à Luísa a resposta às suas dúvidas e, sobretudo, a missão de concretizar a futura Companhia, quando, ele mesmo, 7 anos antes, teve que ceder às insistências do Arcebispo de Lyon, Denis de Marquemont, que o obrigava a suprimir a visita dos pobres e dos doentes da vida das Irmãs da Visitação, pois isto era incompatível com o Direito Canônico das religiosas da época.

A desventura de São Francisco de Sales produzirá frutos em Santa Luísa e São Vicente. Vicente de Paulo e Francisco de Sales eram muito amigos. Eles se encontraram em dezembro de 1618, em Paris. Ambos estavam convencidos de que o único caminho para chegar a Deus, era a caridade. Antes de sua morte, Francisco de Sales havia confiado a Vicente o destino da Congregação da Visitação.

Em seguida, a intervenção providencial de Margarida Naseau e de suas companheiras dará uma nova fisionomia à caridade, a mesma de jovens pobres do campo que trabalham com suas mãos. Luísa pressentirá que um serviço de pobres, assegurado por pobres, dá à caridade sua verdadeira dimensão com toda sua eficácia: viver uma vida de caridade, no meio dos pobres: “pobres servindo os pobres”.

“O ANÚNCIO” FEITO A CATARINA: “O SONHO DE SÃO VICENTE NA IGREJA DE FAIN”.

CONTEXTO

Catarina é apenas uma pobre camponesa sem instrução; ela não pode frequentar uma escola, pois, tem que trabalhar na fazenda paterna e ocupar-se de sua irmãzinha e seu irmãozinho deficiente. Unida a Jesus e a Maria, ela lida com os trabalhos da fazenda com um zelo ardente, e reza longamente. Jejua duas ou três vezes por semana, visita os doentes da aldeia. Ela tem também o projeto de se doar inteiramente a Deus, mas, não sabe onde, nem como. Aproximadamente, entre 16 e 17 anos, ela foi visitada por São Vicente durante seu sono. Este lhe faz um convite para segui-lo.

O ACONTECIMENTO

Numa noite, Catarina tem um sonho estranho: ela se encontra na Igreja de Fain, no lugar de costume. Ela reza. Um padre ancião chega. Ele veste os paramentos sacerdotais e celebra a Missa no altar. O que a inquieta, é seu olhar, quando ele se vira para o *Dominus vobiscum*. Ao *Ite missa est*, ele lhe faz um sinal para se aproximar. O temor a domina. Ela se afasta, recuando, fica fascinada. Não pode desprender-se daquele olhar. Ela o recordará durante toda sua vida. Percorramos este sonho e olhemos a atitude deste padre ancião que reflete e prolonga, de maneira humana, a atitude de Deus revelada em Jesus.

Uma missa começa

“Eu estava na Igreja de Fain. Eu rezava. E eis que um padre ancião, com um chapéu eclesiástico preto, dirige-se para o altar, e começa a celebrar a missa...”. O primeiro sinal dado a Catarina é o da Eucaristia. Ela reza na Igreja e eis que um sacerdote chega para celebrar a missa e lhe permite participar da Eucaristia. Deus vem unir-se a ela no seu desejo profundo de participar cada dia da missa. Seu coração é tão acolhedor que Deus pode dar-se sem reserva.

Durante toda sua vida, a Eucaristia será o centro e a fonte de todas as graças! Quantas vezes não irá lançar-se “aos pés deste altar”?

Um olhar que revela o coração de Deus

“Seu olhar me fascinava...” São Vicente dirige-se em seguida a Catarina pelo olhar. Sem o saber, Catarina faz uma espécie de experiência como a de Moisés no Horeb quando contemplava a sarça ardendo. Ela não consegue desviar seus olhos de São Vicente. Está deslumbrada com este olhar iluminado pela claridade de Deus. Diante de tal olhar de amor, ela percebe em si, a graça de existir como pessoa.

Podemos, igualmente, supor que Catarina exerceu sobre São Vicente uma verdadeira fascinação, como outrora fez Margarida Naseau. *“O filho de um lavrador que guardou os porcos e as vacas”* (Coste IV, 215), certamente, sentiu-se interpelado por esta jovem camponesa sem instrução. Não foi este ponto comum que suscitou a atração de São Vicente, mas, a extraordinária personalidade de Catarina, sua vida de fé intensa, sua perseverança na adversidade, seu ardor no trabalho sem outro desejo senão, o da glória de Deus. Como São Vicente não ficaria impressionado diante de uma camponesa tão simples e tão humilde?

Um olhar que chama

“No final da missa, ele me fez um sinal para eu me aproximar...”. Por conseguinte, São Vicente se aproxima e lhe faz um sinal, de maneira familiar. Catarina se admira. Esta atenção do padre ancião deveria alegrá-la, mas, ela se atemoriza: *“Tenho medo. Afasto-me, recuando um pouco, sem poder desprender-me de seu olhar...”*

Invadida pelo temor, seu primeiro reflexo é o de se afastar. Mas, ao mesmo tempo em que se afasta, ela não pode impedir de manter a atenção, na direção deste padre ancião. Catarina está “presa” por este olhar que lhe dá confiança e que a chama.

Uma palavra que engaja a servir

“À saída da Igreja, vou visitar uma doente”. O padre ancião me encontra e me diz: “Minha filha, é muito bom cuidar dos doentes...”

Saindo da Igreja, Catarina vai visitar uma mulher doente (sempre em sonho). São Vicente ali a encontra e lhe agradece por sua generosidade e dedicação, e lhe revela sua capacidade de cuidar das pessoas que sofrem.

E ele continua a falar: “Vós fugis agora de mim, mas um dia, sereis feliz de me seguir...”

Isto faz supor como Catarina fica perturbada. São Vicente a tranquiliza, anunciando uma palavra de felicidade, da felicidade de um dia ir à sua casa! É um chamado. “Vem, segue-me”, tinha dito Jesus e, a partir de um olhar, Pedro o seguiu. É o mesmo apelo que este padre ancião dirige a Catarina, sem, no entanto, lhe revelar sua identidade.

Catarina, porém, compreendeu bem o convite a engajar-se. Sim, sua vida será útil, ela fará dela um serviço. Mas, “como se fará isto?”, ela não o sabe.

Uma missão a cumprir

Somente depois de um certo tempo de encontro que, Vicente lhe anuncia uma palavra que lhe concerne muito pessoalmente: “Deus tem seus desígnios sobre vós. Não esqueçais”. Eis uma declaração inesperada: Catarina compreende que Deus precisa dela, que Ele necessita de sua disponibilidade. “Não esqueçais”... Deus ficará à porta e nela baterá num dado momento. É o anúncio de uma promessa que orienta para o futuro.

Catarina se afasta de novamente, admirada por acontecimento tão singular. Passando pelo pórtico da casa paterna, ela se desperta. Era apenas um sonho.

APESAR DAS REVELAÇÕES DIVINAS, A VIDA PERMANECE DIFÍCIL

Que maravilhoso hino de gratidão saiu do coração de Luísa de Marillac, depois desta “Luz de Pentecostes”? Jamais ela será, exatamente, a mulher que era antes. Sua vida ficou marcada para sempre, através deste acontecimento. Ela não poderá esquecê-lo: seu caminho será diferente; o futuro o determinará. No entanto, esta “Luz de Pentecostes” não resolveu, como uma varinha mágica, todas as dificuldades de sua vida. A doença de seu marido evoluía. O peso deste acompanhamento tornava-se extremamente pesado. Permanecendo dia e noite à cabeceira de seu marido, Luísa encontrou-se, de novo, num estado de grande cansaço. Seu marido morre dois anos e meio mais tarde.

Viúva aos 34 anos, Luísa está no final de suas forças, sozinha, com seu filho de 12 anos. Parece que foi neste momento que ela se decidiu encontrar-se com o Padre Vicente. Este, com suas origens rurais, sabe muito bem que não se pode perder tempo para encontrar o equilíbrio necessário para seguir adiante. Antes de tudo, ele vai acolher o sofrimento de Luísa e, em seguida a ajudará, pacientemente, a assumir sua situação.

Luísa atravessará ainda períodos de tormentos. Sabemos muito bem que, se certas trevas são vencidas pelo poder de Deus, outras permanecem enterradas no coração, em razão das feridas de nossa natureza humana. Apesar de suas inquietações, Luísa engaja-se corajosamente no serviço dos pobres, a ponto de tornar-se a colaboradora ideal de Vicente. A chegada de Margarida Naseau, em 1630, será a luz definitiva para a realização da missão confiada.

Para Catarina Labouré, o sonho de Fain é misterioso, mas ele se apodera de seu coração e do seu espírito. Mesmo se o trabalho é sempre tão difícil na fazenda, Catarina está iluminada interiormente. Ela goza de um novo elan. Realiza seu trabalho, ainda melhor do que antes, como se não o fizesse; ela esboça projetos para o futuro. Logo que Catarina tem a permissão de seu pai para aprender a ler e a escrever, ela

parte para o pensionato de Châtillon-sur-Seine, ali, encontrará o Abade Gailhac, o cura da paróquia, que lhe dará a chave do enigma. Catarina irá logo a casa das Filhas da Caridade.

Mas, sua vocação será provada e mesmo contrariada durante 5 longos anos: recusa categórica do pai que quer vê-la casar, exílio em Paris, enfim, reticência da parte da Comunidade. Porém, nada enfraquecerá sua determinação.

FOI NECESSÁRIO ESPERAR, APROXIMADAMENTE 7-8 ANOS ANTES QUE CADA UMA PERCEBESSE O MISTÉRIO DA MISSÃO QUE DEUS LHES HAVIA CONFIADO.

Após ter reconhecido Jesus ressuscitado, os dois discípulos de Emaús, deixaram o acampamento. Eles retomaram o caminho, o mesmo que percorreram durante o dia, mas, no sentido inverso desta vez. A noite, que caiu sobre as colinas da Judeia, não é um obstáculo, seus corações lentos para crer, tornaram-se ardentes. Tudo mudou de sentido para eles, e este retorno noturno à Jerusalém o confirma. O Senhor desapareceu: o que importa, porém, agora, eles sabem que Ele vive! Mas, ainda não chegaram ao fim da estrada.

Para alcançar o final, é importante deixar a experiência espiritual amadurecer num profundo silêncio. Aos olhos humanos, o tempo necessário para que se cumpra os desígnios de Deus pode parecer longo. É correspondendo à realidade da vida quotidiana, que Luísa de Marillac e Catarina Labouré descobrirão os sinais que Deus lhes dará para a realização da missão confiada.

Para Luísa: 1623 (Luz de Pentecostes) - 1631 (Margarida) - 1633 (A Fundação)

Depois da “Luz de Pentecostes”, foram necessários mais 8 anos de interiorização, de discernimento e de preparação para que Luísa percebesse o mistério da missão confiada. Com a chegada das jovens camponesas para ajudar as Damas, a intuição vai se impor, pouco a pouco a Luísa, para se consagrar a elas e formá-las, pois era sem dúvida, esta a “pequena comunidade consagrada ao serviço dos pobres”.

Para Catarina: 1823 (data aproximativa do sonho de Fain) – 1830 (A Medalha)

Depois do sonho de Fain, foi preciso, também à Catarina, 7-8 anos, para que ela descobrisse no dia 27 de novembro de 1830, quais são “*os desígnios de Deus sobre ela*”. Mas, este dia é precedido por outros acontecimentos também importantes, que são necessários levar em consideração para não se expor a graves erros de interpretação ou, em todo caso, correr o risco de não perceber a plenitude do seu significado.

Na verdade, com sua chegada ao Seminário, Catarina encontra o Padre Vicente que ela admira tanto e que ela quer imitar, mas desta vez, está bem acordada.

A VISÃO DO CORAÇÃO DE SÃO VICENTE

No domingo 25 de abril de 1830, ao voltar de São Lázaro, na Capela da rua do Bac, Catarina percebe sobre a parede, à direita, acima do pequeno relicário do Padre Vicente, seu coração. Três dias consecutivos, Catarina “vê” o coração de São Vicente como um ícone.

A visão obtém, a cada vez, uma cor diferente: branca, vermelha, escarlate. Catarina não percebe somente os símbolos, ela escuta palavras interiores. *A riqueza do significado da “visão do coração” é prodigiosa, segundo a interpretação do simbolismo das cores, dada por Catarina mesma.*

Catarina “*medita todas essas coisas em seu coração*”. Longe de fugir da realidade quotidiana, esta visão amplia suas forças para amar e para servir. E o céu continua a dar sinais à Catarina. Diríamos que sua humildade exerce um atrativo irresistível sobre o Senhor, que se compraz em comunicar-se com ela e a responder os seus desejos.

AS APARIÇÕES DE NOSSO SENHOR NA EUCARISTIA.

“O amor é inventivo ao infinito” dizia São Vicente. Não falta criatividade para Deus. Ele não força ninguém a caminhar no mesmo ritmo. No sonho de Fain, através do ancião sacerdote, Deus veio unir-se a Catarina no seu desejo de participar da missa; durante seu Seminário, Deus veio unir-se pessoalmente e responde ao seu “desejo” tão puro. Durante os meses seguintes, é Nosso Senhor que Catarina entrevê como em transparência, na Eucaristia:

Para os discípulos de Emaús, o gesto da fração do pão, na mesa do acampamento é um sinal de luz fulgurante da presença do Cristo em suas vidas: **“Então, eles o reconheceram!”**. Para Catarina, a mesa eucarística torna-se o lugar onde ela acessa misteriosamente esta Realidade. Sua fé é uma relação de amor com seu Deus, e na missa, ela se deixa encontrar, no mais secreto de seu coração, pelo próprio Jesus.

O tempo do Seminário será para Catarina um grande “tempo eucarístico”. Somente Deus, o Cristo, reina na vida de Catarina. Sua prática eucarística é o lugar privilegiado, onde ela encontra impulso e vigor renovados: é a afirmação na fé, que somente lá se encontra o sentido definitivo e pleno de toda a vivência.

Esta nova experiência da presença e da revelação não se compara à precedente. Mas, trata-se ainda de uma intervenção sobrenatural do Divino. Toda sua vida, Catarina permanecerá uma mulher “eucarística”. Quantas vezes, ela irá “ao pé do altar” encontrar Aquele que está presente no Santíssimo Sacramento?

Descrevendo o fervor eucarístico de Catarina, como não evocar rapidamente o de **Luísa de Marillac** que não cessava de maravilhar-se diante desta *“admirável e amorosa invenção”* (M.72, Escritos p. 811). *“Diante de tanta largueza, de tanto amor pela humanidade”*, ela só tinha uma palavra, um só grito: *“Oh Amor infinito!”* (A. 15 - Escritos p. 709). As Irmãs que viviam perto de Luísa ficavam muito impressionadas pela sua atitude, no momento de suas comunhões. (Coste X, 729). Luísa recomendava sempre às Irmãs para permanecerem *“atentas à esta divina presença”*. (A. 71, Escritos p. 772).

A PRIMEIRA APARIÇÃO DE 18 DE JULHO DE 1830

Finalmente, Vicente se faz próximo de Catarina para lhe preparar o coração aos “desígnios de Deus sobre ela”. Em 18 de Julho de 1830, dia da festa de São Vicente, tudo se passa como se São Vicente preenchesse o coração de Catarina de um grande desejo e a convidasse para se preparar para encontrar a Santíssima Virgem, naquela noite. Esta primeira Aparição será a etapa preparatória para a de 27 de Novembro, quando Catarina receberá a missão de fazer cunhar a Medalha da Imaculada.

Quando Maria se aproxima “e senta-se na cadeira à esquerda do coro” Catarina não percebe, “Eu não vejo a Santíssima Virgem”, disse ela. Ela duvida da identidade da Virgem e fica afastada da cadeira. O anjo é obrigado a lhe repetir 3 vezes seguidas: “Eis a Santíssima Virgem”. Foi preciso um certo tempo para Catarina poder ajustar seu olhar e se situar no nível da fé. Ultrapassando, então, as aparências, ela “reconhece” Maria. Como os discípulos de Emaús, Catarina tornou-se capaz de ver “o invisível”.

A seguir, vem o tempo da releitura dos acontecimentos. Antes de lhe propor uma explicação dos mesmos, Maria lhe dá tempo para relatar: “O que?” e Catarina contou toda a sua história. Depois de ter escutado longamente, Maria, inicia sua resposta e apresenta-lhe a sua própria releitura. Situa-a na grande história do povo de Deus e na da Companhia e lhe esclarece o sentido dos acontecimentos. Maria introduz Catarina no caminho da fé e da busca da vontade de Deus.

Da mesma maneira que a releitura de Jesus alimentou com seu significado o que havia iniciado com os dois discípulos de Emaús, a releitura de Maria conduz também Catarina a tomar sua história e a da Companhia pela mão. Colocando sob a ação do Espírito o presente, este passa a ser tempo onde Deus concede a graça a nossa terra e nos chama a tomar tempo para viver em graça com nossos irmãos.

EM SEGUIMENTO A LUISA E CATARINA, RELEIAMOS NOSSA VIDA PARA NELA LER DEUS

Depois de Santa Luísa e de Santa Catarina, somos convidadas, à reler a nossa vida sob o olhar de Deus, não dentro de nossa preocupação de introspecção ou de satisfação narcisista, mas, em gratidão para com Aquele que nos chamou e guiou nossa vocação de Filha da Caridade. A melhor maneira de testemunhar

Deus, não é reconhecê-lo em nossa própria vida, no cotidiano? Esta releitura supõe sempre um olhar de fé que saiba discernir a ação de Deus nos imprevistos da história. É preciso acautelar-se ainda, de um providencialismo ingênuo que faz de Deus a causa imediata de tudo. Deus não é o acontecimento em si, ele está ao lado dos homens que os enfrenta. Se nosso cotidiano nos parece, muitas vezes, banal, repetitivo, não é por que somos incapazes de reconhecer Deus, que vem ao nosso encontro para nos amar e nos ensinar a amar como Ele mesmo nos amou. Na verdade, em seu amor, Deus não para de nos procurar e nos precede. Nossos dias são uma aventura de amor e de fé com Ele.

“Fazer memória”, como Deus lembra constantemente ao povo hebreu, é uma ação fundamental que sustenta nossa vida espiritual, nossa caminhada em comunidade com o Senhor. “Fazer memória” dos acontecimentos-chaves de nossa vida ou de momentos aparentemente ordinários, do cotidiano, permite-nos viver na presença de Deus, na gratidão e na ação de graça. “Fazer memória” de nossos limites e de nossos erros nos convida incansavelmente à recomeçar, colocando nossa confiança na misericórdia de Deus por nós mesmos e pelos outros.

AS FILHAS DA CARIDADE E OS POBRES FAZENDO CAMINHO...

A releitura de nossa vida é um caminho para reconhecer a presença de Deus no coração e na vida dos pobres.

No seu encontro com Isabel, Maria reconhece sua própria dignidade e o dom que Deus lhe fez. Pois, em seu cântico do Magnificat, o olhar de Maria se dilata para além de sua própria vida, em direção a Deus e sua ação na história dos homens.

Seguindo Maria, somos convidadas a reconhecer a presença ativa de Deus, não só em nossa vida, mas, igualmente, na vida dos pobres que acompanhamos. Como Jesus fez com os discípulos de Emaús, podemos reler com os pobres a sua própria vida, a fim de aí, reconhecer o Amor que Deus escreve, à cada dia, em seu coração. A convicção de que o outro, seja ele quem for, traz consigo riquezas escondidas impele, em todas as circunstâncias, a fixar sobre cada ser humano, o mesmo olhar de Cristo. Esta qualidade do olhar, emanção de uma profunda benevolência, pode conduzir o mais excluído a revelar seu próprio mistério, sua profundidade, o sentido de sua vida: somente ele pode nos dizer o que é, o que pensa e o que o faz viver. Para bem compreender a revelação que pode nos ser feita em um dado momento, e entender o conteúdo da mensagem comunicada, muitas vezes, é necessário caminhar longamente com o outro, com a paciência de Jesus na estrada de Emaús. A qualidade da presença e do engajamento permite desenvolver uma confiança recíproca, aprender a linguagem do outro e liberar progressivamente a palavra das pessoas em estado de extrema pobreza. Assim, pouco a pouco, em uma relação de fraternidade reconhecida, podemos deixar-nos instruir e evangelizar pelos pobres.

Abertas aos encontros que Deus nos permite fazer, descobramos o mistério do Amor Encarnado de Deus, que abre e reúne nossos corações, uns aos outros.

Irmã Anne PRÉVOST
Filha da Caridade

DESAFIOS ATUAIS

PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS

Notas tomadas durante a sessão de formação das Irmãs e leigos a serviço da Pastoral da Capela (rue du bac, 140)

Dirijo-me a todos, enquanto responsável do “Serviço da Missão Universal”. Este serviço, no seio da Conferência Episcopal da França, é um serviço da Igreja para evitar que esta última se feche em si mesma, mas, ao contrário, que se abra sempre mais às outras Igrejas presentes no mundo. Neste serviço, existe a

questão dos padres *fidei donum*, em outras palavras, padres que desejam partir para outros continentes; atualmente são 158 para cinquenta países diferentes. Há também um novo serviço que é uma unidade de acolhimentos para os padres. Os religiosos e religiosas estrangeiros que vivem na França, particularmente para a pastoral, estão em plena expansão: ultrapassamos ao número de 500 padres e religiosas, há 8 anos, mais de 1400 padres e 4500 religiosas são provenientes do estrangeiro.

É uma situação nova para a França, visto que tínhamos, particularmente, o hábito de partir para o estrangeiro. Hoje, uma certa reciprocidade está instalada. Sou responsável com uma equipe, da animação missionária nas dioceses, portanto, em relação com as equipes diocesanas de animação missionária, da Semana Missionária, em união com as Igrejas da África (e a coleta da Epifania para as Igrejas da África) de um serviço concreto das Pontifícias Obras Missionárias, unido à Semana Missionária, que acontece a cada ano na terceira semana de outubro.

Bem antes desta denominação, as Pontifícias Obras Missionárias já existiam há algum tempo. Nos Atos dos Apóstolos, a ideia da missão está muito presente, visto que já estava no Evangelho: "*ide, ensinai a todas as nações*". Levai o Evangelho, batizai-os, e rapidamente a ideia de um material de apoio, de uma partilha, de uma pesquisa feita a partir da missão da Igreja. Desde os Atos dos Apóstolos, vemos que as comunidades fazem coletas para as comunidades em dificuldades. Este hábito vai atravessar a história da Igreja, e sabemos bem, que os missionários e as Congregações missionárias, terão sempre necessidade de um apoio e de um suporte financeiro para poder avançar e fazer com que o Evangelho possa ser anunciado em outros países, e até às extremidades da terra.

De uma maneira mais concreta, em 1819, uma jovem de Lião, Pauline Jaricot, vai ter uma intuição: é preciso que este meio lionense, onde vivem operários, artesãos, trabalhadores, mas também burgueses e aristocratas, se interesse pela missão. Para isto, Pauline lança a ideia de criar grupos de oração para as missões e grupos de comunicação para troca de correspondências com os missionários. Estes são meios concretos de apoio a missão: informar-se e conhecer o que está acontecendo em outros lugares e rezar para que o evangelho seja melhor conhecido, rezar por todos os missionários, homens e mulheres, religiosos e religiosas que estão longe, e que de alguma forma são os "nossos enviados". E como eles precisam de um apoio material, Paulina lança a ideia "de uma moeda por semana": uma moeda por semana, uma oração, uma troca de informações, esta é a primeira etapa.

Na segunda etapa, Pauline pensa que cada uma das 50-60 ou 80 pessoas envolvidas no primeiro momento, deve encontrar outras dez. E assim, cada um se engaja para encontrar 10 pessoas para formar um outro grupo de oração, partilhar informações e recolher a contribuição. Pouco a pouco, se desenvolve uma grande corrente de solidariedade, de orações e informações. Em 1822 foi criado oficialmente em Lião a fundação das "Obras de Propagação da Fé".

É uma intuição que nasceu de uma ideia simples: rezar, informar-se, partilhar pequenas quantias, mas, colocados em favor dos outros, isto pode fazer milagres. Rapidamente, Roma está interessada por esta ideia da Propagação da Fé (Propaganda Fide). Um dos prefeitos da Congregação (que depois vai tornar-se o Papa Gregório XVI), reconhece a qualidade desta intuição. Enquanto isso, Pauline progride na estruturação de sua obra. Será preciso um certo tempo para que Roma reconheça seus estatutos; isso acontecerá de maneira imprevisível após a primeira guerra mundial. Em 1922, Roma declara a obra da Propagação da Fé: "Pontifícias Obras Missionárias". Criada um século antes, a obra de Paulina é reconhecida como obra do Santo Padre.

Em 1926, a pedido do Conselho Superior desta Obra, o Papa, pede para que haja a cada ano, o terceiro domingo de outubro, o Dia Mundial das Missões em todos os países do mundo. A obra toma forma pouco a pouco e, a cada ano, o Santo Padre dirige-se à toda Igreja para lhe dar uma mensagem para a missão universal, com um tema anual.

Como franceses, somos marcados pelo fato de que esta obra tenha nascido em Lião, visto que, na mesma época, próximo de Caen, as senhoras Bigart vão ter a preocupação de apoiar a formação dos padres, missionários e autóctones. Elas vão lançar uma obra que se chamará "São Pedro Apóstolo". Segunda obra pontifical reconhecida, nascida também na França. Enfim, o Bispo Forbin Janson pensou que as crianças

podem ser, também as missionárias das crianças: então, ele começa a obra da “Santa Infância” que se tornará “Infância Missionária”. Terceira obra pontifical missionária nascida na França.

Uma quarta obra virá de um padre italiano, Padre Manna, que vai insistir sobre a formação dos catequistas, dos leigos, dos religiosos e das religiosas; ele criou um instituto de formação: “A Pontifícia União Missionária”. É a quarta obra das Pontifícias Obras Missionárias.

O século XIX foi absolutamente, de um admirável despertar missionário. A Igreja da França em particular, e a Igreja da Itália conheceram, ao longo de todo o século XIX, um grandioso despertar missionário (basta olhar o número de criações de congregações diocesanas durante o referido século). A Igreja da França se despertou após as perseguições religiosas da Revolução. Foi também, o período de um desenvolvimento industrial e de colonização. O que é interessante nas Pontifícias Obras Missionárias é que a ideia inicial apresentada por Pauline foi retomada pela “*Congregação para a Propagação da Fé*” que se tornará após o Concílio, a “*Congregação para a Evangelização dos Povos*”, para apoiar as jovens Igrejas, fazer nascer novas dioceses. Este é um dos pontos mais importantes das Obras Pontifícias: não esquecer ninguém na Igreja, sobretudo as jovens dioceses; quer haja um bispo influente, capaz de falar bem ou um bispo discreto e tímido, cada um tem o direito a partilha universal. Por trás da ideia das Obras Pontifícias, existe a convicção profunda de uma fundo universal, onde tudo o que as Igrejas colocam em comum, seja dividido entre as dioceses e as obras, em função das necessidades.

Como isto acontece? A cada ano, tudo o que é coletado no domingo das missões é reunido em nível diocesano ou em nível de cada país. O recolhimento das coletas forma uma soma global com amplitude mundial. Depois, considerando as 1560 dioceses que são beneficiadas pela ajuda das Obras Pontifícias, a soma é repartida em função do número de catecúmenos, de batizados, de padres e das necessidades da diocese. Desta forma, cada diocese pode contar, a cada ano, com uma ajuda para o seu funcionamento pastoral. Esta soma não é destinada para a construção de uma escola ou de um estabelecimento, sua destinação é de função pastoral.

Depois, existe uma segunda etapa, onde cada diocese pode apresentar ao serviço das Pontifícias Obras Missionárias de seu país, os projetos, como por exemplo: a construção de uma escola para catequistas, especificando o número de horas de trabalho que se pode assegurar as pessoas, os tijolos que eles podem fabricar, os móveis que eles podem fazer e o que vai faltar. O projeto é apresentado na Obra Pontifícia do país, depois a nunciatura o envia às Obras Pontifícias em Roma. Assim, a cada ano, no mês de maio, existe uma semana do Conselho Superior com todos os diretores nacionais, para analisar estes projetos, e em função da soma disponível, o aprovamos tentando não esquecer ninguém. Somos obrigados a limitar por diocese o número de projetos, seja por questões de construção, de formação e de encontros diocesanos. Também, graças a generosidade do povo cristão, alcançamos em nível mundial, a quantia anual que gira em torno de 200 milhões de Euros. Além das coletas, existem as contribuições, doações e as intenções de missa. Na ideia de Paulina Jericot, existia a informação, a oração e a partilha. As intenções das missas são uma maneira de estar em comunhão e também de partilhar. As intenções das missas recolhidas pelas Obras Pontifícias, servem quase que unicamente em áreas de formação, portanto, nos Seminários. Logo que recebemos a solicitação de fazer uma Trintena na intenção de uma família, nós a confiamos a um Seminário que não disponha de muitos recursos. É bom levar ao conhecimento de todos, porque várias Igrejas vivem deste recurso.

Em nossos dias atuais, quem mais que um católico pode ajudar o desenvolvimento da Igreja católica? É evidente que isto passa pela partilha dos católicos...a multiplicação das ofertas faz milagres. Atualmente, Pauline Jaricot é reconhecida como venerável; gostaríamos que ela fosse beatificada, mas não encontramos milagres no plano da saúde. Repeti ao Cardeal Diaz, há poucos dias, que o milagre para mim é permanente desde 1822, pois, a cada ano, graças a generosidade dos católicos, não fechamos nenhuma obra por falta de dinheiro: não é isto, uma forma de milagre permanente?

Hoje, em cada diocese existe um delegado para a vida missionária, e em cada país, um diretor e, juntos tenta-se propor uma animação missionária de maneira que nossa Igreja local não se feche jamais em si mesma, mas que ela permanece sempre aberta aos estrangeiros, às outras Igrejas e a vitalidade dessas outras Igrejas. Nossa Igreja deve sempre ser uma Igreja aberta.

Atualmente há 150 diretores nacionais, portanto, 150 países onde se encontram as Pontifícias Obras Missionárias. Ajudamos mais de 1.500 dioceses. No âmbito da formação, isto quer dizer, o apoio a 220.000 catequistas (livros, sessões de formação e algumas vezes, meios de transporte), o apoio a 35.000 seminaristas maiores, através do mundo e 54.000 seminaristas menores.

Para os seminaristas maiores, a contribuição está em torno de 550 dólares por ano e por seminarista. Para os seminaristas menores, o valor na ordem de 250 dólares. Esta, também é uma ajuda para os noviciados autóctones, os postulados e todos os lugares intercongregacionais. Um outro caso de apoio é o lançamento das universidades católicas ou escolas de catequistas. Através do mundo, contamos com aproximadamente 150 universidades católicas, e dentre elas, mais da metade são das jovens Igrejas. Uma ajuda é oferecida a cada um destes institutos, bem como às novas dioceses. Sempre que criamos uma nova diocese, o novo Bispo deve ter os meios para começar. Pois, cada nova diocese recebe uma atribuição para dar início às atividades.

Em 1962, havia no mundo, aproximadamente 2.200 dioceses; em 2008 existiam 3.800. Isto quer dizer que a Igreja progrediu em número de batizados, de dioceses, de religiosos e religiosas, seminaristas e padres. Somos atualmente, um pouco mais de 1 bilhão de católicos (1,6 bilhões, se contarmos todos os cristão juntos), mas, existe 6 bilhões de homens, e cuja evangelização pode ainda progredir. A questão que se esconde por detrás destes números é que a quantidade de batizados aumenta rapidamente, em comparação aos padres e aos formadores. Em nível de mundo, atualmente, o número de padres tem uma tendência a se estabilizar, mesmo se exista uma queda na Europa: mas o número de formadores é deficitário em relação às necessidades. E aqui, a Pontifícia Obra Missionária, e em particular a quarta obra, "a Pontifícia União Missionária", tenta favorecer a formação de formadores ou de formadoras, por exemplo: uma sessão francófona de 35 formadoras africanas que vêm à Roma durante um mês, para trabalhar no inter-noviciado, a mesma sessão para formadores homens. Existe a mesma sessão em anglofônico, hispanofônico, etc. Este serviço de evangelização dos povos não deseja que nada seja criado sem que os meios sejam dados. Portanto, o trabalho atual das Obras Pontifícias, é de continuar a informar, a estimular à oração, mas, também de procurar os meios que permitam as criações, e sobretudo, para garantir a sua continuidade. João Paulo II e Bento XVI seguem na mesma direção para a definição de metas deste projeto.

Em uma carta para a China, Bento XVI determina o objetivo do projeto: a abertura para a China, e mais globalmente, a abertura para a Ásia, onde as necessidades são imensas. Atualmente, muitos projetos estão sendo desenvolvidos para a criação, formação, no continente asiático.

A cada ano, uma animação no país e na Igreja da França ajuda a sensibilizar as comunidades cristãs para esta abertura às outras Igrejas, à necessidade de um apoio material, mas, igualmente ao acolhimento dos padres, de religiosos e de religiosas como testemunhas para nós destas Igrejas e depois para apoiar alguns deste numerosos projetos.

Isto não é fácil, visto que atualmente a Igreja da França deve gerir suas próprias dificuldades renovando seu quadro e, os bispos são mais convocados que enviados. Todavia, é preciso sempre lembrar que o batismo está no centro da missão, ele nos envia para os irmãos, faz de nós missionários. É importante não esquecer que a Igreja é Universal. Temos **sempre** que nos despertar em relação aos outros e em relação ao envio em missão.

Hoje, em alguns países, a Igreja é o fator estabilizante da sociedade. Em alguns países, a única estrutura frágil é a Igreja. Quando eu era responsável da cooperação para a Igreja da França, escutei tal ou tal ministro me dizer: "Padre, nós contamos com a Igreja Católica em tal lugar, para apoiar tal projeto", e isto não vinha obrigatoriamente dos ministros da direita. Se olharmos para um certo número de países, constatamos que é a Igreja Católica que ajudou na reconciliação que permitiu conferências nacionais de reconciliação e de paz. Esta função da Igreja é apoiada pelas Obras Pontifícias, onde temos consciência que os bispos têm uma missão particular no desenvolvimento pacífico cultural. Não é por nada, que o Concílio Vaticano II esteve tão engajado na "Justiça e Paz".

No Compêndio da moral social da Igreja, temos um tesouro para a humanidade e, em muitos países, esta abordagem da vida, do respeito ao homem, da justiça e da paz que nos apresenta a moral cristã, é uma abordagem missionária. Esta maneira de ver a sociedade, o mundo e se engajar, é também uma forma muito

concreta de praticar a caridade no dia a dia. A caridade passa, também, por esta dimensão. Paulo VI disse-nos que a forma soberana da caridade era o engajamento político. Ou seja, o bem do povo, o bem de todos, pois, estamos diante de uma dimensão para a qual a Igreja está totalmente comprometida através de suas obras missionárias. Hoje, se olharmos tudo o que se faz na dinâmica da justiça e da paz, tudo que se faz em relação às crianças (as crianças-soldados e o drama que isso signifique), perceberemos que em tal lugar são os irmãos salesianos, em outro, são as Filhas da Caridade ou as Irmãs do Coração de Jesus... A missão, hoje, é vivida através do encontro respeitoso e o serviço de Cristo presente em toda pessoa. Resumidamente estas são as Pontifícias Obras Missionárias.

Padre Pierre-Yves Pecqueux
Filho de São João Eudes

HOJE, COM OS FUNDADORES

PROVÍNCIA DE GRANADA

UM CENTRO SOCIAL RURAL NOS ARREDORES DE TEMARA (MARROCOS)

“Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt.25,40).

O Centro rural de Serviços sociais está situado, como o seu nome indica, numa zona rural nos arredores de Temara, a 20 km de Rabat, capital de Marrocos, situado no norte do país na costa Atlântica.

Por volta de 1980, houve uma importante migração interna para as cidades grandes. Algumas favelas se transformam em verdadeiros aglomerados, com um número incalculável de habitantes, a taxa de natalidade muito elevada. Hoje, o governo deseja o desaparecimento das favelas, mas isto levará tempo.

Em setembro de 1975, as Filhas da Caridade chegaram a Temara, em resposta ao desejo dos Padres Jesuítas franceses que tinham feito seu pedido à Casa Mãe. As Irmãs começaram sua missão, cuidando dos doentes que vinham ao Centro de Obras, elas também iam, a pé ou em cima de burros, visitar os doentes em domicílio frequentemente distante.

“Presença e testemunho” de Igreja no meio do povo muçulmano, a Comunidade é formada por 4 Irmãs. Nossa missão é de servir os pobres com respeito e doçura e viver relações fraternas com todos. Um Jesuíta francês celebra diariamente a Eucaristia para nós, verdadeiro presente, porque somos os únicos cristãos em Temara.

A comunidade eclesial da diocese de Rabat, da qual fazemos parte, é multicultural, o que é bem enriquecedora. As boas relações que existem entre todos reforçam a nossa fé e a nossa pertença à Igreja.

O Centro de obras compreende uma pequena clínica, um lugar de promoção da mulher, outro para as crianças que se beneficiam de um apoio escolar e de uma distribuição de leite materno. As numerosas visitas domiciliares nos fazem descobrir uma situação surpreendente de pobreza. Muitos percorrem quilômetros para vir ao Centro, todas as manhãs.

A CLÍNICA

Nós trabalhamos em colaboração com um Padre Jesuíta que é médico. Diariamente, nossa clínica acolhe uma média de 30 pessoas para curativos, constantemente de queimaduras.

Em razão das más condições de vida e de moradia, as crianças são levadas muitas vezes para brincar na cozinha. Lá, a mamadeira que está sendo aquecida é acessível a todos e portanto, às crianças, ou é o

botijão de gás ou a panela de pressão que explode... provocando queimaduras de segundo ou terceiro grau. Tudo isto é consequência da ignorância e da pobreza.

A péssima condição de higiene desencadeia doenças de pele. Durante o tratamento das pessoas, aconselhamos-lhes ao mesmo tempo bons hábitos de higiene.

Finalmente, acolhemos aproximadamente cinquenta pacientes, jovens e menos jovens, com transtornos psiquiátricos. Durante o tratamento, frequentemente descobrimos as causas: situações familiares difíceis, pais sem recursos por causa da doença, do desemprego.

A PROMOÇÃO DA MULHER

Muitas jovens que se beneficiam da formação vêm dos povoados vizinhos. Realizamos cursos de cultura geral (a maioria não foi à escola ou a deixou bem cedo), ensinamos-lhes bordado, à máquina e à mão, com o ponto marroquino, típico do país. Depois do período de formação, elas recebem um diploma do serviço social, o qual lhes ajuda a encontrar um trabalho.

COMPLEMENTO ALIMENTAR PARA OS BEBÊS

Acolhemos os bebês doentes ou desnutridos, cujas mães não podem amamentá-los. Progressivamente, conhecemos a família inteira e logo descobrimos outras pobreza: as crianças não vão à escola, as casas estão em más condições, outros membros da família estão doentes. O Centro distribui leite para os bebês e cesta alimentar para toda a família.

REFORÇO ESCOLAR

35 crianças entre 4 a 12 anos vêm ao Centro para beneficiar-se de uma refeição e de um reforço escolar. Uma Irmã colabora com um funcionário local para adaptar a ajuda que deve ser dada a cada criança.

Nas visitas domiciliares, informamo-nos sobre a situação da criança, sua saúde, seu comportamento e favorecemos uma relação amigável com todos, o que facilita a educação em todos os níveis.

O Árabe é um idioma difícil, dedicamos diariamente, um momento para o estudo desta língua, da cultura, e dos seus valores a fim de comunicar mais facilmente com os pobres.

Nossos irmãos muçulmanos são muito religiosos, eles não têm respeito humano para rezar e manifestar sua fé em Alá. Vivem na alegria, com uma grande confiança em Deus. Eles nos dão muitas lições: muito acolhedores, suas portas estão sempre abertas para partilhar o que eles são e o que têm.

No meio destas pessoas, nos sentimos amadas e respeitadas. Podemos testemunhar que é possível caminhar e viver juntos, apesar das diferenças quando se respeita mutuamente. Vivemos nossa vocação missionária em Comunidade, encontramos nela forças para viver a missão. Nosso compromisso principal é de viver unidas e felizes, e testemunhar a unidade na diversidade. Nossa experiência comunitária é muito bonita, partilhamos a vida dos pobres e nossa vida de serviço e, juntos, assumimos a missão da Comunidade.

Neste ano em que celebramos os 350 anos da morte de nossos Fundadores, nós nos engajamos a **“viver bem juntas numa grande união e cordialidade”**, como pediu Santa Luísa em seu testamento espiritual. Sabemos que a qualidade de nossa vida de serviço depende da qualidade de nossa vida comunitária.

Pelo que fazemos, anunciamos o Deus que não esquece os Pobres através de nosso serviço. Vivemos e caminhamos nos passos do que já foi semeado pelas Irmãs que nos precederam nesta missão de Temara. Em nome dos pobres, agradecemos-lhes por sua dedicação, seus esforços a fim de que nossos irmãos tenham

uma vida mais digna. Testemunhamos aqui um Deus de misericórdia que nos ama a todos, sem fazer diferenças.

As Irmãs de Temara (Marrocos)

HOJE, COM OS FUNDADORES

PROVÍNCIA DA IRLANDA

O CENTRO SÃO VICENTE, NAVAN ROAD EM CABRA (DUBLIN)

Em nosso mundo atual, as pessoas que apresentam uma deficiência, sobretudo aquelas que têm necessidades complexas, fazem parte das pessoas mais vulneráveis, elas representam um verdadeiro desafio. Não é pois de se admirar que, depois de São Vicente e de Santa Luísa, as Filhas da Caridade estejam ao seu serviço. Em muitas cidades da Irlanda, as Irmãs administram um centro especializado para crianças e adultos: em Dublin, Limerick e, mais recentemente em Tipperary.

COMO ISSO ACONTECEU?

Em 1838, em razão de uma longa guerra, o sistema jurídico do país tornou-se insuficiente para responder às pobrezaas sociais. O elemento principal do sistema consistia na realização de “centros de trabalhos”. Estes centros permitiram sair da miséria; numerosas famílias em grande pobreza foram para lá enviadas. Mas, faltavam estruturas educativas para as crianças e suas famílias.

Em 1884, a primeira instituição para crianças foi criada em Cabra através do sindicato de Dublin Norte.

Em outubro de 1888, o Estado contratou seis religiosas Dominicanas para que elas se encarregassem dos jovens do Instituto de Cabra e lhes dessem aulas. Seis anos mais tarde, as seis Dominicanas decidiram voltar para suas escolas habituais.

Por isso, **em 1892**, o Sindicato de Dublin Norte solicitou as Filhas da Caridade para assumirem a administração do Instituto. Seu efetivo total era de 400 crianças. Dentre as quais, muitas estavam definidas como “fracas do espírito”, “imbecis”, “retardadas mentais”; elas não mereciam ser educadas ou escolarizadas. Na época, as pessoas com deficiência intelectual, no país, não eram respeitadas. As pessoas mais instruídas não viam nem sua singularidade, nem seu direito de dar a sua contribuição à sociedade.

Quando as Filhas da Caridade assumiram a responsabilidade deste Instituto, este acolhia toda sorte de crianças. Irmã Martha Galvin e Irmã Louise Conolly começaram, então, um grande trabalho. Com uma atitude plena de compaixão, de amor, de justiça e de respeito pela dignidade de cada pessoa, elas ofereceram às crianças um modelo holístico de cuidados.

Para responder às suas necessidades individuais, elas ofereciam programas educativos progressivos. Constantemente, elas contribuíam com seus requeridos conhecimentos para conduzi-las à uma vida com maior autonomia possível. Os relatórios dos inspetores da época eram favoráveis: *“Existe uma melhoria notável entre os auxiliares de Cabra. As crianças parecem muito melhor e mais saudáveis”*.

As Irmãs continuam a se aperfeiçoar para assegurar este serviço. Elas pensaram que não era mais possível juntar todas as crianças, nem desejável de lhes dar a mesma instrução.

Em 1925, a Instituição de Cabra tornou-se o Centro São Vicente de Paulo para pessoas com deficiências mentais. Este era um desafio, pois no mesmo período a Irlanda se preparava para se tornar um Estado independente, após longos anos de guerra. O início dos anos 20 foi um tempo difícil no plano político e econômico.

Outras Irmãs, Irmã Louise Burke e Irmã Gertrude O'Callaghan (falecidas) foram também, guerreiras para influenciar a política do governo e incitar as mudanças necessárias para regularizar a educação das crianças portadoras de deficiências e sua aprendizagem.

A força de tentativas, o preço de uma fé e uma pressão constante, o Departamento de Educação e de Ciências terminou por reconhecer **em 1947** que essas crianças tinham direito à uma educação.

As mentalidades continuaram à evoluir graças ao empenho de numerosas Filhas da Caridade que trabalharam com perseverança, em colaboração com homens e mulheres competentes que se uniram a elas para servir e partilhar seus valores.

Durante todos esses anos, aconteceram muitas transformações.

Atualmente, o Centro atende as necessidades, não somente das crianças e dos adultos com deficiência moderada ou profunda, mas também daqueles com dupla deficiência de saúde mental combinada ao autismo, e problemas de comportamento.

O Centro passou de um serviço institucional típico, a um serviço centrado na pessoa, acentuando mais sobre as capacidades que sobre as deficiências e oferece espaços de vida quotidiana na comunidade local.

Hoje, o Centro funciona sob a direção de um Conselho Administrativo, de diretores, é presidido pela Visitadora. A gestão dos trabalhos correntes está nas mãos de funcionários competentes, animados pelo espírito das Filhas da Caridade.

Não obstante a diminuição de vocações, um certo número de Irmãs continua a manter este Centro segundo suas competências. Num mundo que consagra pouco tempo às pessoas com deficiências, as Irmãs tem uma grande influência sobre a qualidade de vida no seio deste Centro, elas propagam seus valores e suas partilhas com os numerosos amigos que não cessam de fazer.

Em conformidade com o espírito dos fundadores, os funcionários e Irmãs reconhecem que toda pessoa é única e se engajam à :

- * Desenvolver o potencial de cada pessoa portadora de deficiência mental em um clima de amor, de respeito e de criatividade
- * Permitir a cada pessoa portadora de deficiência mental, de assumir o seu papel na sociedade e de participar de acordo com suas possibilidades.
- * Dar prioridade àqueles que tem mais necessidades.
- * Lutar em favor da justiça no que diz respeito às pessoas portadoras de deficiência mental e de sua promoção.

Os valores essenciais que guiam nossa missão hoje, são os mesmos das primeiras Irmãs que começaram este serviço: respeito, qualidade, colaboração, justiça e criatividade.

Eis um testemunho de serviço em ação.

Mary chegou ao Centro São Vicente com a idade de dez anos e meio. Inteiramente dependente de todas as suas necessidades físicas, ela foi colocada em uma unidade de aprendizagem para as crianças com deficiências profundas. Aqui, todas as pessoas são tratadas de maneira única, e não como um número ou como um membro de um grupo. Mary começou a ser estimulada e a responder ao programa personalizado para atender às suas necessidades. Hoje, 20 anos mais tarde, Mary exerce um trabalho integral, ela é autônoma e tem uma boa vida social. Cada ano, ela viaja de férias ao estrangeiro. Recentemente, se

interessou pela aprendizagem de Informática. Agradece às Irmãs que nela acreditaram quando outros a teriam abandonado, sendo uma das primeiras que teve a oportunidade de ser escolarizada.

De acordo com as possibilidades, algumas Irmãs tiveram o privilégio de trabalhar mais de 30 anos nesta área. Para cada uma, as palavras são poucas para expressar as riquezas que receberam pessoalmente e comunitariamente através das pessoas portadoras de deficiência e de seus familiares.

Encontrar pessoas com deficiência intelectual, é encontrar o amor, a retidão, a compaixão, o respeito, a justiça, o reconhecimento e o desejo de ser acolhido. Cada uma é a imagem e o coração de Jesus.

Elas percebem com o coração seu sofrimento, quando o seu está ferido. Se você está triste, elas se aproximam serenamente com um gesto de amizade. Se está feliz, elas se alegram com você. Se são amadas, retribuem com amor. Se necessitar de ajuda, estão presentes, se forem tratadas injustamente, compreenderão, porque possuem um grande sentido de justiça. Se você lhes falar, estão muito atentas. Se a linguagem for difícil, sabem se comunicar bem, mesmo que seja necessário uma vida inteira para o fazer. Elas vivem o momento presente e sabem apreciar a beleza que está ao seu redor.

No Centro São Vicente, as Irmãs reconhecem o quanto sua vida comunitária é enriquecida pelos seus serviços junto a essas pessoas deficientes, que lhes tem muito ensinado; suas simples necessidades expressão, que a vida é feita para viver, amar e doar. Vivem naturalmente os valores do Evangelho, a humildade, a simplicidade e a caridade. São "os seus Senhores e Mestres". Sua maneira de ser convida-as, a cada dia a se tornarem melhores, à sair si mesmas, à escutar, partilhar, viver o momento presente, aqui e agora e levar um estilo de vida simples, onde cada pessoa é importante.

Como o dizia São Vicente, pedimos ao Senhor a graça para que nossa presença e nosso serviço junto as pessoas que mais necessitam, reflitam as características da vida e dos atos de Jesus: a doçura, a estima e a dignidade de cada um.

Irmã Marian HARTE e Irmã Áine MACNAMARA
Filhas da Caridade

ANO JUBILAR DO 350º ANIVERSÁRIO DA MORTE DOS FUNDADORES

OLHAR DE FÉ SOBRE O ITINERÁRIO ESPIRITUAL DE LUÍSA DE MARILLAC

Introdução

O olhar de fé é um ato humano fundamental que nos orienta a Deus e nos convida a viver de seu Espírito. A presença dos Santos é uma recordação contínua das coisas do alto. A Igreja nos ensina que os santos são, de maneira concreta, inseparáveis da plenitude dos mistérios do Cristo, da mesma forma que são inseparáveis do mistério da Igreja santa por sua qualidade.

A Sagrada Escritura nos lembra nossos deveres : “*Sede santos, pois eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo*” (Lv 19, 2). Jesus responde repetindo: “*Sede perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito*”. Cristo nos convida a caminhar em seu seguimento, e acreditar não é somente aderir intelectualmente ao que ele diz, mas, comprometer-se com Ele: “*se alguém quer me seguir, tome a sua cruz, e siga-me*”. O caminho da fé é um caminho de provação e de liberdade, mas é também, uma obra da graça. Esta graça é, muitas vezes, obscura. Ela está presente, também no sofrimento, porém Deus nos precede sempre como graça. Se nos tornamos grandes **no fazer**, é preciso, igualmente, nos tornarmos **no ser**, na arte de viver.

Este olhar de fé nos permite ver e descobrir o essencial da vida de Luísa de Marillac na agitação das coisas do mundo, “pois, nos vários gêneros e ocupações da vida, é sempre a mesma santidade que é cultivada por aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, adorando em espírito a Deus Pai, seguindo a Cristo pobre, humilde, e levando a cruz, a fim de merecerem ser participantes da Sua glória”¹

“ A caridade de Jesus crucificado nos impele ”

O caminho da santidade de Luísa de Marillac

“Toda doada a Deus para o serviço aos outros”

Com uma firme delicadeza, Padre Vicente indica-lhe o caminho “Deus é amor e devemos ir a Ele por amor”². Esta é, por sua vez, uma etapa ascendente e descendente, Luísa eleva-se espiritualmente, e despoja-se humanamente. Dentro de um contexto de agitação política (a Fronda), de fundações fora de Paris, de formação das Irmãs, imperturbavelmente, ela persevera na realização de seu propósito: **a adesão à vontade de Deus**, despojando-se totalmente de tudo o que ainda havia um aspecto humano. Ela tinha lido em Grenade: “Deus é o que é, e Nele uma única realidade conta: Deus”. Portanto, nada há de mais sublime que consumir seu ser no ser de Deus.

Em sua conferência de 03 de julho de 1660 presidida por Padre Vicente, algumas luzes trazidas pelas Irmãs permitirão conhecer, um pouco mais, Luísa de Marillac como instrumento de Deus para formar as Irmãs, completar o que começou, e descobrir os desígnios de Deus sobre a Companhia. A correspondência com as Irmãs, de longe, nos esclarece sobre suas qualidades pessoais, seu espírito de adaptação e a relação entre o cotidiano e a intervenção divina.

Como Luísa de Marillac vivenciou esta experiência?

Na impossibilidade de descrever a história de sua vida diária, seguramente, alguns aspectos foram notados: a docilidade ao Espírito Santo, o abandono e a confiança na Providência, e a ascese. A vida de Luísa é um conjunto de fidelidades que se transforma na grande fidelidade às inspirações do Espírito Santo no dia de Pentecostes de 1623.

Por que faz referências frequentes ao Espírito Santo em seus escritos? A iluminação de Pentecostes é bem conhecida por ela: das trevas, nas quais estava mergulhada, encontra-se toda iluminada e o coração apaziguado pela certeza da doce presença que lhe habitava e que lhe fazia pressentir sua missão futura. Esta claridade que, subitamente a invadiu, era a resposta à sua alma sedenta de Deus.

Algumas passagens de sua vida permitem compreender e identificar melhor, sua disponibilidade ao Espírito Santo.

Sua infância

Em primeiro lugar, quão doloroso foi para Luísa aprender e compreender sua origem. Ela não se revolta, mas, sofre por não ser como as outras que regressam às suas famílias. Até a idade dos 13 anos, ela viverá no Convento Royal de Poissy, onde habita uma parente, Luísa de Marillac. Portanto, é neste contexto monástico que a graça de seu batismo começa a germinar.

Esta atmosfera de contemplação e de oração na qual Luísa está imersa, que não conhecia as idas e vindas de um retorno à família, não seria isto o que lhe tornaria, mais que outras, receptiva para escutar Deus através destes dias ritmados pelo som do sino?

Isto é o que ela dirá, muito tempo depois, à Margarida Chétif : “Desde a minha infância, eu tinha gosto e facilidade para a meditação”. Visto que, a educação era muito exigente, ela não deixou de aguçar seu espírito e sua inteligência para a cultura e as artes do século com seu sentido religioso, onde Deus é o princípio e o fim de todo o conhecimento.

1604-1613

O tempo de Poissy não dura muito. Luísa está em um pensionato, na casa de uma boa senhora. É uma mudança de ambiente, mas ela se adapta, e com sua piedade, ela lhe dá um significado. Compartilhando das evoluções religiosas de seu tempo, que coloca em prática o Concílio de Trento, ela se alimenta de

Bérulle, dos escritos de São Francisco de Sales, que estavam em voga na época. As Capuchinhas instalam-se em Paris, ela sonha com a possibilidade de entrar na congregação. As primeiras Carmelitas são recebidas em nome da Rainha, por seu tio Miguel de Marillac. Este confidente não teme lhe escrever um dia:

“Alma pobre que se conhece tal qual como é, espera de Deus o que vem...Se contenta de se submeter a Deus e não lhe determina a maneira pela qual Ele a conduzirá”³.

Não há medo que não a conduza, ainda mais, à uma docilidade ao Espírito Santo, e esta linguagem, Luísa compreende bem.

APÓS 1625

A santidade é um trabalho a longo prazo, é obra do Espírito Santo que, dia após dia esculpe a alma para torná-la pura e agradável a Deus. Padre Vicente será o instrumento da libertação progressiva dos escrúpulos de Luísa, dos laços que a mantêm ainda em cativeiro e que a impedem de se deixar guiar pelos movimentos do Espírito com toda a humildade e obediência.

Quantos retiros fez para se consagrar mais totalmente ao Senhor e aos seus membros sofredores, os pobres ? Depois de uma de suas orações, ela escreve:

*"Não basta pois que me ensineis, ó meu Salvador, os meios para preparar-me à vinda do Espírito Santo, mas, é preciso, ó minha alma, que trabalheis de verdade para esvaziar-vos de todos os impedimentos atuais, ou melhor **deixeis agir**, plenamente, a graça que o Espírito Santo quer derramar em todas as potências do meu ser. Isso não pode acontecer senão, mediante a destruição de meus maus hábitos que, na hora das ocasiões, se interpõe, como obstáculo”⁴.*

Como não mencionar o desabamento do assoalho? Foi somente o tempo de Luísa sair da sala com as Irmãs, para o assoalho desmoronar. Era véspera de Pentecostes de 1644. Qual o trajeto percorrido entre estes dois Pentecostes: 1623, toda luminosidade e 1644. Este último a confirma em seus empreendimentos, colocando um fim às inquietudes que ela havia sobre o futuro da Companhia.

Assim, a santidade encontrou o seu caminho no coração de Luísa. Em sua oração, quase ininterrupta, Luísa se deixa impregnar pelo Evangelho que, quanto mais contempla e medita, mais ela vê Deus nos pobres. Contemplação e ação, se tornam única, uma invade a outra e vice-versa.

O que ela deseja para si, deseja igualmente para suas filhas: *“É preciso ser inteiramente de Deus, queridas Irmãs, mas, de maneira diferente. Quem somos nós para escolher livremente nossos caminhos? Deixemos Deus agir!”⁵.*

Em uma comunicação com as Irmãs de Montreuil, ela lhes dirigiu algumas palavras para deixar-se invadir pelo Espírito: *"será conveniente que todas as manhãs, as Irmãs peçam, cada uma no seu interior, (...) a bênção do nosso Deus, para agirem segundo o Espírito de seu Filho (...), ou melhor, que esse mesmo Espírito atue por meio delas.... Amando-vos mutuamente, para imitar a Trindade”⁶.*

Sempre humildemente prostrada diante de Deus, ela percebe, em uma de suas orações, os meios pelos quais são necessários servir-se para participar da recepção do Espírito Santo:

“... curai minha cegueira, ó Luz eterna! Dai simplicidade à minha alma, Unidade perfeita! Humilhai meu coração para assentar o fundamento de vossas graças e que a capacidade de amar que pusestes em minha alma, não se detenha nunca mais no desregramento de minha presunção insolente que, com efeito, não é mais que um obstáculo e um impedimento ao puro Amor que hei de receber com a efusão do Espírito Santo...”⁷

“Oh! puro Amor, quanto vos amo! Pois que sois forte como a morte, ponde longe de mim tudo o quanto vos seja contrário”⁸.

O ABANDONO E A CONFIANÇA NA PROVIDÊNCIA

Deixar-se conduzir pela Providência, fazer confiança na Providência, abandonar-se à Providência, são termos que encontramos, com frequência, nos escritos de Luísa de Marillac : correspondência com as primeiras Irmãs ou anotações pessoais. Se Luísa fala e escreve deste modo, é para partilhar com elas os sentimentos que lhe interpelam profundamente.

Em Luísa, o emprego da palavra **Providência** traduz, tanto a sua confiança total em Deus, como o abandono na fé, em seus desígnios. Às vezes, ela simplesmente utiliza esta palavra para significar a ação de Deus em circunstâncias específicas. Padre Vicente a auxilia nesta caminhada que a conduzirá à uma entrega total a Deus, liberando-a de uma ansiedade natural. Antes do ano de 1629, ele a convida para não passar à frente da Providência:

*"Oh! Como há grandes tesouros ocultos na **santa Providência**, e como honram maravilhosamente a Nosso Senhor os que a seguem e não passam diante dela!"*⁹.

Em 1632, ele escreve ainda: *"Louvo a Deus por vos ter consolado (...) e que Ele me parece pedir-vos é que honreis sua santa Providência em vossa conduta, sem preocupações, nem fadigas"*¹⁰.

Mais tarde, em 1652, Padre Vicente a confirma neste caminho: *"O que Nosso Senhor reserva está bem guardado, é justo que nos confiemos a sua admirável Providência"*¹¹.

Luísa viveu e soube partilhar com as primeiras Irmãs esta confiança **na Providência**, baseada em seu amor a Deus. O que ela escrevia, só poderia ser um reflexo de seu pensamento, do que ela viu e viveu até o fim de sua vida.

Nas anotações de Mathurine Guérin sobre Luísa de Marillac, lê-se: *"... e ela voltava, sempre à conduta da Providência..."*¹²

As Irmãs foram enviadas para diferentes lugares, algumas vezes, muito distante de Paris. É em sua correspondência que se encontram seus conselhos, seus encorajamentos e os fortes sentimentos que habitavam seu ser e que ela pode partilhar.

A Providência prevê suas necessidades ou se faz esperar. Ela escreve à Irmã Jeanne Etienne em Chantilly em 1647: *"Esperava escrever-vos quando vos enviasse uma Irmã...A Providência não permitiu que encontrássemos uma própria para aí...."*¹³.

Em outros escritos, Luísa encontra na Providência a expressão da Vontade de Deus à qual é preciso aceitar e se abandonar. Em 1656, escreve à Charlotte Royer em Richelieu: *"Deus quer que chegueis a Ele pela estrada real da Cruz. Estou certa de que vos deixais conduzir por aí, de bom grado e alegremente, a fim de cumprirdes sua santa vontade, como acredito o que fizestes quando sua Providência vos encarregou da direção desta pequena família"*¹⁴.

Visto que Deus nos conduz e prevê nossas necessidades, abandonemo-nos na fé, à sua ação, ele sabe o que nos é necessário. É neste contexto que ela escreve às Irmãs do Hotel-Dieu de Nantes em 1658: *"Esforçai-vos por manter o recolhimento interior, em meio às vossas ocupações, especialmente, submetei-vos ao beneplácito divino, abandonando-vos à Providência e não vos entregueis a um cuidado ansioso por conhecer todos os movimentos de vosso espírito"*¹⁵.

À Mathurine Guérin em La Fère em 1659, ela escreve: *"o abandono de todas as coisas à Providência"*¹⁶.

Estes termos traduzem o que ela mesmo viu e experimentou, pois, todas estas ações transformam-se numa inteira disponibilidade à vontade de Deus e seu desejo de imitação do Cristo. Ela é feliz por encontrar este mesmo abandono em Mathurine Guérin, a quem escreve em 1659: *"Estou bem feliz também com a confiança que o Senhor vos dá em sua Divina Providência"*¹⁷.

Esta confiança na Providência parece primordial para viver na simplicidade com Deus, Luísa aconselha esta prática à Françoise Carcireux em 1556: “*Temos que simplificar nosso espírito, mediante um completo abandono à direção da sua **divina Providência***”¹⁸.

“*Abandono-me inteiramente aos desígnios de sua santa Providência*”. Esta frase extraída dos escritos é o reflexo de sua fé profunda e da solidez de sua vida de intimidade com Deus. Suas filhas souberam descobrir a mensagem que ela quis lhes transmitir, uma vez que, uma dentre elas, ressaltou na conferência sobre as virtudes da fundadora:

“*confiava admiravelmente na **Providência de Deus** em todas as coisas e principalmente no que diz respeito à Companhia, aconselhando também em todas as conferências, essa confiança...*”¹⁹

Esta devoção de nossos santos Fundadores na Providência divina é desejada e querida por todas as Irmãs, pois, deve ser o reflexo da vida de fé que deve animar cada uma delas. Ela escreveu também nas Regras comuns das Filhas da Caridade: “*Elas terão uma **grande confiança na divina Providência, abandonando-se inteiramente como uma criança à sua ama***”.

Concluindo, as palavras Providência de Deus não são, de modo algum, palavras-chave utilizadas para aumentar a segurança. Luísa fala por si mesma com firmeza: “*Preciso praticar uma humildade muito grande e uma desconfiança de mim mesma, abandonando-me continuamente à Providência e imitar, tanto quanto puder, a Nosso Senhor que veio à terra para cumprir a santíssima vontade de Deus, seu Pai, ajudar o próximo em tudo que puder, tanto às almas como aos corpos, pelo amor que Deus nos tem a todos igualmente e praticar com esmero meus exercícios*”²⁰.

Um caminho de santidade : ascese

O documento sobre “a formação nos Institutos religiosos” traçou algumas linhas sobre a formação segundo o decreto Perfectae Caritatis. Entre estas linhas, seguramente, encontra-se no segundo capítulo: “a ascese”.

O que diz este documento? “*Caminhar seguindo o Cristo leva a compartilhar cada vez mais consciente e concretamente o mistério da sua paixão, da sua morte e da sua ressurreição. O mistério pascal deve ser como o núcleo dos programas de formação, fonte de vida e de maturidade. Sobre este fundamento se forma o homem novo*”.

Esta passagem conduz à inclusão no programa de formação integral, uma **ascese pessoal** diária que passa necessariamente pela Cruz. Na vida de Luísa de Marillac, encontramos todos esses elementos. A palavra **ascese** não fazia parte do vocabulário da época, mas Luísa de Marillac o havia em seu **espírito**. A ascese fazia parte de sua vida pessoal e do programa de formação das Irmãs. Esta ascese é apresentada às Irmãs como um ato de amor ao Cristo morto e ressuscitado. A mortificação, esta morte quotidiana a si mesmo, atualiza a de Jesus e prolonga-se na fecundidade em seu corpo que é a Igreja,

A Paixão de Cristo tem um extraordinário poder de conversão. Luísa o percebe, ao longo do seu retiro anual em 1632: “*nada pode separar-me de Jesus a não ser o pecado que deve agora ser castigado pessoalmente*”²¹.

Contemplando a morte e a ressurreição de Cristo, ela deseja ter Jesus Cristo como modelo de vida. Ela escreve em uma de suas meditações: “*escolher a vida de Jesus Crucificado como modelo de nossa vida*”²²; e convida frequentemente as Irmãs para aderirem plenamente ao mistério da morte e da ressurreição de Cristo: “*Suplico a nosso amado Jesus Crucificado que nos prenda fortemente à sua Cruz ...*”²³.

A ascese, esta via real da Cruz, não pode ser vivida, senão, na alegria do amor. Luísa utiliza o termo **suavidade**, ao escrever à Margarida Chétif: “*Nosso Senhor vos fará gozar **da suavidade** que experimentam as pessoas cheia de seu santo amor, mesmo no meio dos sofrimentos e angustias desta vida. Se não fosse assim e se estiverdes ainda no calvário, tende por certo de que Jesus Crucificado apraz-se em vos ver aí, e se tiverdes coragem suficiente para quererdes permanecer em tal lugar*”.²⁴

Para Luísa, a ascese não é um conjunto de exercícios mais ou menos difíceis, predominantes de menosprezo do corpo, mas ao contrário é um **ato de amor**, uma plena adesão ao Cristo Redentor. Ela deseja fazer de sua via uma resposta de amor ao Cristo: “...vivamos, pois, como mortas em Jesus Cristo e portanto, nada de resistência a Jesus, nada de ações senão por Jesus, nem pensamentos senão em Jesus; numa palavra, não mais vida senão por Jesus e pelo próximo, para que, neste amor unitivo, ame eu tudo o que Jesus ama...”²⁵

Esta meditação, inspirada em pensamentos sobre o batismo, lembra um outro texto de São Vicente ao escrever ao Padre Portail, o hino a Jesus Cristo que mostra o lugar central que ocupa o Filho de Deus na fé e na vida do Padre Vicente: “Lembraí-vos, Padre, de que vivemos em Jesus Cristo pela morte em Jesus Cristo, e que devemos morrer em Jesus Cristo pela vida de Jesus Cristo e que nossa vida dever estar oculta em Jesus Cristo e cheia de Jesus Cristo, e que para morrer como Jesus Cristo, é preciso viver como Jesus Cristo...”²⁶

Morte e ressurreição eram duas palavras familiares para Luísa. Por que se mortificar? Ela dedica seus pensamentos em uma de suas meditações para preparar a conferência: “...nossas almas sendo feitas à imagem de Deus, ficam, de certo modo, desfiguradas quando não mortificam suas paixões e por elas se deixam levar”.²⁷

A mortificação é a vida da alma... se não a mortificarmos, ela morre seguida de suas paixões... uma terceira razão, se nós não praticarmos a virtude da mortificação, não poderemos suportar umas as outras...” E Luísa entra no concreto da vida:

- Mortificar muitas vezes nosso próprio julgamento.
- Mortificar também nossa própria vontade para nos inclinar ainda mais às de nossas Irmãs.
- Mortificação exata de nossas curiosidades, quando as Irmãs se encontram reunidas: no quotidiano somos impelidas pelo desejo de saber os defeitos e a maneira de ser de umas das outras e, também, de dizer o que se sabe...
- Vigilância para mortificar os sentimentos de vingança, quando foge-se de comentar pequenos descontentamentos que damos umas as outras.
- Para perseverar na sua vocação, as Filhas da Caridade devem vigiar continuamente sobre seus sentidos e suas paixões.

Luísa recomenda “temos de empreender, generosamente, esse trabalho durante toda a nossa vida porque, **apenas mortificamos, não matamos nossas paixões**; assim, elas continuarão vivas e temos de velar continuamente e trabalhar para mortificá-las”²⁸.

Intimamente penetrada do mistério da Cruz, ela lembra em suas instruções, suas meditações, sua correspondência. Luísa de Marillac abandona-se na experiência do Cristo, revelando-nos sua riqueza espiritual no serviço da pequena Companhia na formação das Irmãs. Suas exigências são concernentes tanto sobre as notícias recebidas das Irmãs em particular e, das Comunidades.

À Margarida Chétif: “precisam ter espírito equilibrado...devem ter intenção de se fazerem morrer a si mesmas pela mortificação e verdadeira renúncia, já feita no santo batismo, para que o espírito de Jesus Cristo reine nelas...”²⁹

Luísa lembra a necessidade da prática da mortificação.

À **Anne Hardemont**, ela recorda que, para trabalhar utilmente na obra de Deus, “não basta ir e dar, mas é necessário um coração purificado de todo interesse, sem jamais deixar de trabalhar na mortificação geral de todos os sentidos e paixões. Para isso, [...] temos de ter, continuamente, diante dos olhos o nosso modelo que é a vida exemplar de Jesus Cristo”.³⁰

À Cécila Angiboust: “desconfie de vós mesmas e sabeis que o homem velho não morreu, de todo, em vós”³¹.

À Françoise Carcireux : “só vos direi, se me permitirdes, que, por várias vezes, louvei a Deus pelas graças que vos concedeu e Lhe pedi a de saberdes esquecer-vos de vós e mortificar o desejo de vossa própria satisfação que, em vós se oculta sob a aparência enganadora de buscar uma maior perfeição...”³²

... “Nada tolerar em nossa vontade de que se oponha à vontade de Deus ; dar-nos inteiramente, a Ele por todas as práticas que nos são aconselhadas, desapegando-nos de nossa vontade própria e trabalhando na mortificação de nossas inclinações, mesmos nas coisas que nos pareçam boas”³³.

Luísa dirige-se à Comunidade por intermédio da Irmã Servente:

À **Irmã Hellot** após um aborrecimento: “... quanto ao ocorrido depois, é preciso receber com amor, sabendo servir-nos de tais ocasiões para morreremos a nós mesmas.”³⁴ ... “queridas Irmãs, se permanecerdes na presença de Deus, sua bondade não deixará de vos dizer o que deseja de vós, tanto na mortificação dos sentidos e paixões, como também na prática das virtudes que Ele deseja ver em vós, a fim de lhe serdes agradáveis.”³⁵

À **Comunidade de Nantes** : “... não podemos ter paz com Deus, com o próximo e com nós mesmas, se Jesus Cristo não no-la der...que nunca nos serão aplicados sem **a mortificação de nós mesmas**, a qual conseguiremos imitando-O no cumprimento da vontade de Deus.”³⁶.

À **Irmã Servente, Joana Lepintre** : “... Rogo-vos, querida Irmã, o recomendeis sempre às orações de vossas caríssimas Irmãs, as quais queria ver muito generosas, no amor de Deus e na prática das **mortificações interiores**. Como seria razoável que aquelas a quem Deus chamou para seguir seu Filho, procurassem fazer-se perfeitas como Ele”³⁷.

À **Comunidade de Chateaudun**, Irmã Joana Delacroix é Irmã Servente : “... dizer-me, sobretudo, se, enquanto fazeis o serviço exterior, vosso interior se ocupa, por amor de Nosso Senhor, em vigiar sobre vós mesmas para **vencerdes e dominardes vossas paixões**, negando aos sentidos o que pode levar-nos a ofender a Deus”³⁸.

À **Comunidade de Angers**, “crede-me: nossa principal preocupação será a de mortificar-nos muito, não por meio de penitências exteriores, mas por uma submissão proveniente de uma verdadeira e sólida humildade, que ame e declare guerra a nossos sentidos e paixões, entregando-nos com fidelidade à obediência e a todas as virtudes e também à cordialidade entre nós, sem preferência; essa cordialidade impede as murmurações...”³⁹

Em resumo, poderíamos dizer que Luísa de Marillac, como todos os mestres espirituais, convida as Irmãs a caminhar no seguimento do Cristo: “não poderemos chegar senão seguindo Jesus em seus trabalhos e sofrimentos ! E ainda não nos poderia levar até ela se Sua perseverança não o tivesse levado, a Ele, à morte de cruz”.⁴⁰

No silêncio da oração, neste momento de contemplação do Cristo Encarnado, do Cristo Redentor, que as Irmãs buscarão as forças necessárias para corresponder às exigências da sua vocação. Como ela disse à Barbara Angiboust em uma carta: “Sede, portanto corajosas, a cada momento, avançando no caminho no qual Deus vos colocou para ir até Ele”.⁴¹

O olhar de fé, sobre o caminho de santidade de Luísa de Marillac, fixa-se sobre alguns aspectos dentre os quais, seguramente está a docilidade ao Espírito Santo, o abandono à Providência divina e a ascese que lhe permitem realizar o plano de Deus em seu “**ser e fazer**”, a contemplação do Cristo no pobre, a entreatada fraternal para viver juntas e Maria nossa única Mãe.

No final de sua vida, ela retoma o que sempre a fez vibrar : “*Queira Deus que eu possa escrever todos os pensamentos que sua bondade me concedeu a graça de ter sobre a Conceição Imaculada da Santíssima Virgem, para que o verdadeiro conhecimento que tenho tido de seus méritos e a honra que lhe devo, assim como a vontade de lhe tributar, nunca se afastem de meu coração...por isso, quero durante toda a minha vida e na eternidade, amá-la e honrá-la...*”⁴²

Em seu testamento espiritual, recolhido pelas Irmãs que a assistiram em seus últimos momentos, diz que : “a graça de perseverar em vossa vocação para que possais servi-IO no modo como Ele vos pede e pedi muito à Santíssima Virgem que seja vossa única Mãe”.

Das alturas da fé, onde ela havia estabelecido seus pensamentos. Luísa de Marillac via em suas pobres filhas, as esposas de Jesus Cristo, as servas dos pobres. Nos avisos que ela dirigia à Comunidade, retomava, sem cessar, sua prática preferida, o espírito de paz, o suporte, a cordialidade. Por isso, no tempo de Natal, e Epifania, ela sugere “...à exemplo dos reis magos, deixemos tudo para seguir o Senhor. Convertamos nossas negligências no serviço pelo incenso da oração fervorosa, o prazer pela mortificação, a afeição às coisas deste mundo pela oferenda de nossos bens”.

Conclusão

Gobillon, seu primeiro biógrafo, termina seu livro IV, capítulo V, pelos últimos momentos de Luísa, e sobretudo, pelo elogio de sua caridade, à qual ela consagrou toda a sua vida e na qual perseverou até a morte.

“É esta virtude que faz os santos, escreve, e que segundo os sentimentos dos apóstolos é um dom por excelência, mais que os milagres. No entanto, parece-me que Deus não se contenta em fazer conhecer os méritos desta serva fiel, por tantos bens que Ele operou por seu ministério, porém, como Ele tem por desígnios se manifestar através de provas sensíveis, sobre o julgamento que pronunciou em sua morte, quer revelar sua glória, pelos efeitos extraordinários que fez aparecer em seu túmulo. Uma espécie de vapor que emana frequentemente, e espalha um aroma semelhante ao da violeta e do lírio, sobre o qual um grande número de pessoas pode testemunhar. O que é mais surpreendente é que as Filhas da Caridade que vêm fazer suas preces junto ao túmulo, retornam várias vezes tão impregnadas deste perfume, que o levam consigo às Irmãs doentes na enfermaria da casa...porém, qualquer que seja a qualidade do aroma que sobe do sepulcro desta serva dos pobres, resulta dos exemplos de sua vida espiritual, mais preciosa que todos os perfumes e que é obra milagrosa da graça, marca gloriosa de sua santidade. Um verdadeiro perfume que penetra o coração de suas filhas, comprometendo-as à imitá-la”⁴³.

Em 24 de julho de 1660, na conferência de Padre Vicente sobre as virtudes de Luísa de Marillac, está escrito:

“Minhas Irmãs, que belo quadro meu Deus! Compete-vos agora, conformar as vossas ações com este belo quadro, imitando-a em todas as coisas!”⁴⁴.

Irmã Claire HERRMANN
Filha da Caridade

1 Constituição Dogmática Lumen Gentium, nº 41 apud “Orientações sobre a Formação nos Institutos Religiosos”

2 Coste I, L. 49

3 Carta de 6 de março de 1620 apud Calvet

4 Correspondências e Escritos Espirituais, E.98 (A.26), pág. 938

5 Correspondências e Escritos Espirituais, C.245 (L.320), pág.285

6 Correspondências e Escritos Espirituais, E.55 (A.85), pág. 881

7 Correspondências e Escritos Espirituais, E.98 (A.26), pág. 939

8 Correspondências e Escritos Espirituais, E.105 (A.27), pág. 952

9 Documentos 16, pág. 28

10 Documentos 91, pág. 103

11 Documents p. 64 Coste IV, L. 1501

12 Documentos 822, pág. 1082

13 Correspondências e Escritos, C.219 (L.197), pág. 259

14 Correspondências e Escritos, C.557 (L.500), pág. 599

15 Correspondências e Escritos, C.638 (L.581), pág.678

16 Correspondências e Escritos, C.708 (L.643), pág. 747

17 Documentos 774, pág. 1013

18 Correspondências e Escritos, C.542 (L.531 bis), pág. 584

- 19 Conferência de 03 de julho de 1660, pág. 915
- 20 Correspondências e Escritos, E.66 (M. 40 bis), pág. 897
- 21 Correspondências e Escritos, E.22 (A.5), pág. 808
- 22 Correspondências e Escritos, A 21 bis, p. 727
- 23 Correspondências e Escritos, C.51 (L. 46), pág. 68
- 24 Correspondências e Escritos, C.604 (L. 545 bis), pág. 645
- 25 Correspondências e Escritos, E.69 (A.23), pág. 900
- 26 Coste I, L. 197
- 27 Correspondências e Escritos, E.82 (A.67), p. 914
- 28 Correspondências e Escritos, E.82 (A.67), p. 915
- 29 Correspondências e Escritos, C.717 (L. 651), pág. 759
- 30 Correspondências e Escritos, C.257 (L.217), pág. 298
- 31 Correspondências e Escritos, C.495 (L.394), pág. 540
- 32 Correspondências e Escritos, C.549 (L.557 bis), pág. 590
- 33 Correspondências e Escritos, C.542 (L.531 bis), pág.584
- 34 Correspondências e Escritos, C.168 (L.156), pág. 197
- 35 Correspondências e Escritos, C.211 (L.193), pág. 250
- 36 Correspondências e Escritos, C.191 (L.174), pág. 227
- 37 Correspondências e Escritos, C.384 (L.328), pág. 421
- 38 Correspondências e Escritos, C.722 (L.656), pág. 764
- 39 Correspondências e Escritos, C.540 (L. 485), pág. 582
- 40 Correspondências e Escritos, C.33 (L. 426), pág. 49
- 41 Correspondências e Escritos, C.426 (L.360 bis), pág. 469
- 42 Correspondências e Escritos, E.106 (A. 31 bis), págs. 953 e 955
- 43 Gobillon 1676, p. 185
- 44 Conferência de 24 de Julho de 1660, pág. 920

Índice das matérias 2010

VIDA ESPIRITUAL

• SUPERIORES GERAIS

Padre Gregory GAY

Cartas

- | | | |
|--------------------------------------------------------|----------------|-----|
| • Conferência de 1º de janeiro de 2010 – Casa Mãe..... | jan.-fevereiro | 5 |
| • Quaresma 2010..... | jan.-fevereiro | 23 |
| • Conferência de 25 março de 2009 – Casa Mãe | março-abril | 84 |
| • Carta de 21 de outubro de 2010 | | |
| Eleição do Diretor Geral: Padre Patrick GRIFFIN..... | set.- outubro | 314 |
| • Carta do Advento 2010..... | nov.-dezembro | 386 |

Mère Evelynne FRANC

Cartas

• Carta de 1º de janeiro de 2010.....	jan - fevereiro	2
• Carta de 2 de fevereiro de 2010.....	jan - fevereiro	10
• Carta de 15 de fevereiro de 2010.....	jan - fevereiro	21
• Carta de 5 de março de 2010	março-abril	82
• Carta de 24 de abril de 2010.....	maio-junho	162
• Carta de 22 de maio de 2010.....	maio-junho	164
• Eleição do Superior Geral, 18 de julho de 2010.....	julho-agosto	234
• Aos membros da Assembleia Geral da Congregação da Missão.....	julho-agosto	237
• Carta de 15 de agosto de 2010.....	julho-agosto	243

Visitas

• Visita à Província da Bélgica, de 27 de abril à 02 de maio de 2010 Irmã Christiane Gobbe.....	julho-agosto	277
----------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------	-----

Padre Javier Alvarez, Diretor geral

Conferências

• A Internacionalidade da Companhia	jan - fevereiro	28
• Retiro em preparação à Renovação: “E o Verbo se fez carne, Ele habitou entre nós” (Jo 1, 14)	março-abril	87

Pistas para o dia de reflexão e de oração mensal

• O Cristo vicentino “Adorador, Servo e Evangelizador”.....	set.- outubro	316
-------------------------------------------------------------	---------------	-----

Outras Intervenções

• Mensagem do Papa Bento XVI ao Padre Gregory e à Irmã Evelyne Secretariado do Estado, Vaticano	julho-agosto	235
• Um olhar novo sobre a nossa vocação de Filha da Caridade à luz da encíclica <i>Deus caritas est</i> . Irmã Catherine Prendergast, Filha da Caridade	março-abril	98
• Com Maria, “deixemo-nos transformar pelo Espírito” Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade	maio-junho	166
• A doutrina social da Igreja Dom Philippe Barbarin, Cardeal, Arcebispo de Lyon	julho-agosto	248
• Rerer os acontecimentos na fé para neles, reconhecer a presença de Deus. Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade	nov.-dezembro	391

DESAFIOS ATUAIS

Questões atuais

• O “princípio petrino” vivido por João Paulo II Florence Gillet, teóloga.....	maio-junho	180
• As Pobrezas em Paris Padre Olivier Ribadeau-Dumas, vigário episcopal da Comissão de Solidariedade da Diocese de Paris	set.- outubro	323
• Pontifícias Obras Missionárias Pierre Yves Pecqueux, Filho de São João Eudes.....	nov.-dezembro	411

Hoje, com os Fundadores

• Hoje, com os Fundadores Equipe de coordenação	jan - fevereiro	38
• Província de Madagascar Projeto de restauração de poços e de implúvios na região Semidesértica no Sul de Madagascar Irmã Madeleine Haovaso, Filha da Caridade.....	jan - fevereiro	40
• Província da África Central (Rwanda) Os milagres existem A Comunidade de Mukungu	março-abril	108
• Província dos Camarões “Carregadas em asas de águias”, as Filhas da Caridade em Moutourwa A Comunidade de Moutourwa	março-abril	112
• Província da Nigéria As FC a serviço das crianças de rua em Kumasi, Gana Irmã Joséphine Okwori, Filha da Caridade	maio-junho	197
• Província de Granada Casa ao serviço dos doentes de AIDS Comunidade Margarida Naseau, Málaga.....	set.- outubro	337
• Província de Emmitsburg (EUA) Centro Hospitalar São Vicente à Jacksonville, Flórida A Comunidade de Jacksonville	set.- outubro	341
• Província de Granada Um Centro social rural nos arredores de Temara (Marrocos) As Irmãs de Temara.....	nov.-dezembro	418
• Província da Irlanda O Centro São Vicente, Navan Road em Cabra (Dublin) Irmãs Marian Harte e Aine MacNamara, Filhas da Caridade.....	nov.-dezembro	422

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

Nomeação do Diretor geral

• Padre Javier Alvarez foi renomeado por três anos, 15 de Março de 2010.....	março-abril	118
• Padre Patrick Griffin foi nomeado por seis anos, 21 de outubro de 2010.....	set.-outubro	347

DESIGNAÇÃO DAS VISITADORAS E NOMEAÇÃO DOS DIRETORES

Visitadoras

• Vietnã	março-abril	117
• Argentina	março-abril	117
• Belo Horizonte	março-abril	117
• Turim	março-abril	117
• Venezuela	março-abril	117
• Colônia	março-abril	117
• Barcelona	março-abril	118
• Gijón.....	março-abril	118
• Áustria.....	set.- outubro	346
• Madri Santa Luísa.....	set.- outubro	346
• Irlanda	set.- outubro	346

• Nigéria	set.- outubro	346
• Tailândia.....	set.- outubro	346
• Madri São Vicente.....	set.- outubro	346
• Pamplona	set.- outubro	347
• África Central	set.- outubro	347

Diretores

• Venezuela.....	março-abril	118
• Equador	março-abril	118
• México	março-abril	118
• Etiópia	março-abril	118
• Grã-Bretanha	março-abril	118
• Suíça-Turquia	set.-outubro	347
• França-Norte.....	set.-outubro	347
• Siena	set.-outubro	347
• Países Baixos.....	set.-outubro	347
• América Central	set.-outubro	347
• Madri Santa Luísa....	set.-outubro	347
• Moçambique	set.-outubro	347
• Bogotá	set.-outubro	347

• VISITAS DOS SUPERIORES

• Irmã Evelyne Franc: visita à Província da Bélgica, 27 de abril à 02 de maio de 2010		
Irmã Christiane Gobbe, Filha da Caridade	julho-agosto	277

VIDA DAS PROVÍNCIAS

ÁFRICA

África Central (Rwanda)

• Os milagres existem A Comunidade de Mukungu	março-abril	108
• Designação da Visitadora	set.- outubro	347

Camarões

• “Carregadas em asas de águias”, as Filhas da Caridade em Moutourwa A Comunidade de Moutourwa	março-abril	112
------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------	-----

Congo-Congo

• Província do Congo Congo “Ele livrará o infeliz que o invoca, e o miserável que não tem amparo” Irmãs da Província.....	maio-junho	201
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------	-----

Etiópia

• Nomeação do Diretor provincial	março-abril	118
----------------------------------------	-------------	-----

Nigéria

• Designação da Visitadora	set.- outubro	346
• As FC a serviço das crianças de rua em Kumasi, Gana Irmã Joséphine Okwori, Filha da Caridade	maio-junho	197

Madagascar

• Província de Madagascar		
---------------------------	--	--

Projeto de restauração de poços e de implúvios na região Semidesértica no Sul de Madagascar Irmã Madeleine Haovaso, Filha da Caridade	jan - fevereiro	40
Moçambique		
• Nomeação do Diretor provincial	set.- outubro	347
AMÉRICA DO NORTE		
Emmitsburg		
• Bicentenário da chegada de Mère Seton Irmã Mary Jean Horne, Filha da Caridade.....	março-abril	119
• O centro hospitalar São Vicente a Jacksonville, Florida A Comunidade de Jacksonville	set.- outubro	341
AMÉRICA LATINA		
América Central		
• Nomeação do Diretor provincial	set.- outubro	347
Argentina		
• Designação da Visitadora.....	março-abril	117
Brasil		
<i>Belo Horizonte</i>		
• Designação da Visitadora por mais três anos	março-abril	117
<i>Curitiba</i>		
• Itinerário da pastoral das vocações Irmãs Bernadete Valenga e Neriuzza Franco, Filhas da Caridade.. ...	março-abril	131
Colombia		
<i>Bogotá</i>		
• Nomeação do Diretor provincial	set.- outubro	347
Equador		
• Nomeação do Diretor provincial.....	março-abril	118
Haiti		
• “Senhor , como é grande teu amor por nós” Irmã Maria Teresa Tapia e todas as Irmãs da Província	julho-agosto	280
México		
• Nomeação do Diretor provincial	março-abril	118
Venezuela		
• Designação da Visitadora por mais três anos.....	março-abril	117
• Renovação por três anos do Diretor provincial.....	março-abril	118
• Palavra dos pobres: “Uma Irmã irá dez vezes ao dia visitar os Doentes, e dez vezes por dia encontrará Deus neles” Irmã Berenice Jimenez, correspondente dos Ecosmarço-abril	138

ÁSIA

Tailândia

- Celebração do 40º aniversário da presença das Filhas da Caridade na Tailândia
Irmã Eloisa Nadres, Filha da Caridade jan - fevereiro 48
- Dez anos de presença em Laos
Irmãs da Província maio-junho 206
- Designação da Visitadora set.- outubro 346

Vietnã

- Designação por mais três anos da Visitadora março-abril 117

EUROPA

Áustria

- Abertura do ano jubilar
A Comunidade de formação jan - fevereiro 56
- Designação da Visitadora set.- outubro 346

Bélgica

- Visita da Irmã Evelyne Franc, de 27 de abril a 2 de Maio de 2010
Irmã Christiane Gobbe, Filha da Caridade julho-agosto 277

Colônia

- Designação por mais três anos da Visitadora..... março-abril 117

Espanha

Barcelona

- Designação da Visitadora..... março-abril 118

Canárias

- A Comunidade de Corralejo
Irmãs da Comunidade set.- outubro 348

Gijón

- Designação da Visitadora..... março-abril 118

Granada

- Hoje, com os Fundadores
Casa ao serviço dos doentes de AIDS
A Comunidade Margarida Naseau, Málaga set.- outubro 337
- Um Centro social rural nos arredores de Temara (Marrocos)
As Irmãs de Temara..... nov.-dezembro 418

Madri Santa Luísa

- Designação da Visitadora set.- outubro 346
- Renomeação por mais três anos do Diretor provincial..... set.- outubro 347

Madri São Vicente

- Designação por mais três anos da Visitadora set.- outubro 346

Pamplona

• Designação da Visitadora	set.- outubro	347
----------------------------------	---------------	-----

França

França - Norte

• O que acontece neste 25 de Abril de 2010? Dom Hubert Antoine e Irmã Eliane Bultel, Filha da Caridade	julho-agosto	282
• Nomeação do Diretor provincial	set.- outubro	347

Grã-Bretanha

• Renomeação por mais três anos do Diretor provincial.....	março-abril	118
------------------------------------------------------------	-------------	-----

Irlanda

• Designação por mais três anos da Visitadora	março-abril	118
• O Centro São Vicente, Navan Road, à Cabra (Dublin) Irmã Marian Harte e Irmã Áine MacNamara, Filhas da Caridade....	nov.-dezembro	422

Itália

Roma

• Um coração de louvores unânimes: obrigada Virgem bendita! Irmã Maddalena Castrica, Filha da Caridade.....	março-abril	136
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------	-----

Turim

• Designação por mais três anos da Visitadora	março-abril	117
• Irmã Giuseppina, patrona da seção feminina de uma prisão Irmã Maria Ida Cislighi, Filha da Caridade.....	março-abril	134

Siena

• Nomeação do Diretor provincial.....	set.- outubro	347
---------------------------------------	---------------	-----

Países Baixos

• Renomeação por mais três anos do Diretor provincial.....	set.- outubro	347
------------------------------------------------------------	---------------	-----

Polônia

Cracóvia

• Celebração dos 150 anos de existência da Casa provincial Das Filhas da Caridade em Cracóvia Irmã Anna Brzek, Filha da Caridade	jan - fevereiro	51
• A cruz entregue pelo comandante de ordem do renascimento da Polônia à Irmã Zofia Izabela Luszczykiewicz Irmã Anna Brzek, Filha da Caridade	jan - fevereiro	53

Quase-Província

• Encontro DREAM “Realizemos um sonho” Irmã Catherine Mulligan, Filha da Caridade	jan - fevereiro	58
• Na Catedral de Notre-Dame de Paris, Celebração de Santa Luísa, 14 de Março de 2010 Homilia do Cardeal André Vingt-Trois, Arcebispo de Paris	março-abril	125
• Na Capela da Medalha milagrosa, Celebração de Santa Luísa de Marillac, 15 de março de 2010 Homilia do Padre Gérard Du, cm Assistente Geral.....	março-abril	129
• Uma Filha da Caridade “Justa entre as Nações”.....	maio-junho	203
• 16º Encontro da Família Vicentina, 29-31 de janeiro de 2010 Trecho da Ata.	maio-junho	210
• Encontro dos novos diretores provinciais Padre Javier Alvarez, Diretor geral	julho-agosto	286

Suíça-Turquia

- Nomeação do Diretor provincial set.- outubro 347

BEATIFICAÇÃO

- Beatificação da Irmã Margarida Rutan, Filha da Caridade
Cidade do Vaticano, 1º de julho de 2010..... julho-agosto 287
- Margarida Rutan, uma vida unida à Paixão de Cristo
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade..... julho-agosto 288

HISTÓRIA DA COMPANHIA

Preparação do ano jubilar do 350º aniversário da morte dos Fundadores

- Santa Luísa de Marillac
Século XX : História, memória, meditação
Irmã Claire Herrmann, Filha da Caridade..... jan - fevereiro 61
- Direção e formação na Companhia
Padre Bénito Martínez, cm jan - fevereiro 71
- Luisa de Marillac em seu tempo
Irmã Claire Herrmann, Filha da Caridade março-abril 140
- Influência mútua sobre a natureza da Companhia
Padre Bénito Martínez, cm março-abril 148
- Luisa de Marillac, organizadora
Irmã Claire Herrmann, Filha da Caridade maio-junho 217
- A espiritualidade de São Vicente e Santa Luísa
Padre Bénito Martínez, cm maio-junho 223
- Luisa de Marillac, fundadora
Irmã Claire Herrmann, Filha da Caridade julho-agosto 302
- Luísa de Marillac, fundadora
Irmã Claire Herrmann, Filha da Caridade set.- outubro 350
- A experiência eclesial de Santa Luísa
Irmã Maria-Angeles Infante, Filha da Caridade set.- outubro 368
- Olhar de fé sobre o itinerário espiritual de Luísa de Marillac
Irmã Claire Herrmann, Filha da Caridade nov.-dezembro 427